

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

DANIEL GOMES

**A FIGURA DO PRÍNCIPE CUSTÓDIO E SUA PRESENÇA
NO DESENVOLVIMENTO DO BATUQUE EM PORTO ALEGRE**

Porto Alegre

2017

DANIEL GOMES

**A FIGURA DO PRÍNCIPE CUSTÓDIO E SUA PRESENÇA
NO DESENVOLVIMENTO DO BATUQUE EM PORTO ALEGRE.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Regina Célia Lima Xavier

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Gomes, Daniel

A FIGURA DO PRÍNCIPE CUSTÓDIO E SUA PRESENÇA NO
DESENVOLVIMENTO DO BATUQUE EM PORTO ALEGRE / Daniel
Gomes. -- 2017.

66 f.

Orientadora: Regina Célia Lima Xavier.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Príncipe Custódio. 2. Religiosidade Afro-
brasieira. 3. Porto Alegre. 4. Primeira República. I.
Xavier, Regina Célia Lima, orient. II. Título.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar a presença de Custódio Joaquim de Almeida no contexto sociocultural de Porto Alegre do final da Primeira República, bem como seu papel no desenvolvimento no Batuque Gaúcho. *Osuanlele Okizi Erupe*, ao deixar sua terra natal em solo africano e ao mudar-se para o sul brasileiro passou a adotar o nome de Custódio Joaquim de Almeida. Chegou a Porto Alegre no ano de 1901, onde viveu até sua morte em 28 de maio de 1935. Na cidade ficou conhecido como Príncipe Custódio ou Príncipe de Ajudá. Ao longo do estudo é apresentado como sua pessoa, enquanto liderança religiosa tornou-se fundamental para o avanço da religiosidade de matriz africana na cidade, visto que até hoje é símbolo do empoderamento do movimento africanista e dos membros das religiões afro-brasileiras.

Palavras-chave: Príncipe Custódio. Religiosidade Afro-brasileira. Porto Alegre. Primeira República.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the presence of Custódio Joaquim de Almeida in the sociocultural context of Porto Alegre at the end of the First Republic, as well as its role in the development in Batuque Gaúcho. Osuanlele Okizi Erupe, when leaving his homeland in the african soil and when moving to the Brazilian south happened to adopt the name of Custódio Joaquim de Almeida. He arrived in Porto Alegre in 1901 and where during the final years of the first republic, where he lived until his death on May 28, 1935. In the city he became known as Prince Custodio, or Prince of Help. Throughout the study he presents how his person as a religious leader became fundamental to the advancement of religiosity in the city, so that to this day it is a symbol of the empowerment of the Afro-Brazilian movement and members of Afro-Brazilian religions.

Key Words: Príncipe Custódio. Afro-Brazilian Religiosity. Porto Alegre. First Republic.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Mapa de localização dos Territórios Negros Urbanos no final do séc. XIX. Fonte: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho [Mapoteca]. Aput BOHRER, Felipe Rodrigues. *Breves considerações sobre os territórios negros urbanos de Porto Alegre na pós-abolição*. In: *Iluminuras*, Porto Alegre, vl 12, n. 29, p. 121-152. p. 55
- Figura 2 Custódio Joaquim de Almeida, quando jovem em trajes reais. Jornal Zero Hora, 15 de julho de 1995. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho aput . p. 56
- Figura 3 Certidão de óbito, Nº 15 960. Fls. 104, Livro C, 20. Registro de Óbito de Custódio Joaquim de Almeida, falecido em 28 de Maio de 1935. p. 57
- Figura 4 Registro Civil de Nascimentos e Óbitos. Talão nº 80, p. 160. Óbito Nº: 15960. fl. 104, livro nº C20. Óbito de Custódio Joaquim de Almeida, falecido em 28 de Maio de 1935. p. 58

SUMÁRIO

- Introdução p. 08
- Capítulo 1 – Abordagem Teórico-metodológica p. 13
- Capítulo 2 – Custódio Joaquim de Almeida, um príncipe negro na Porto Alegre do final da Primeira República p. 18
- Capítulo 3 – Bairros negros de Porto Alegre durante a Primeira República p. 27
- Capítulo 4 – Pai Custódio e o desenvolvimento do Batuque em Porto Alegre p. 37
- Capítulo 5 – A figura do Príncipe Custódio ao longo do tempo p. 47
- Considerações Finais p. 51
- Anexos p. 55
- Fontes p. 63
- Referências Bibliográficas p. 64

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente a figura negra foi associada ao período da escravidão ou à situações de pobreza e violência, tornando sua presença sócio histórica secundária ou em estado de subalternidade. Ao contrário a essa abordagem, o estudo sobre Custódio Joaquim de Almeida serve como meio de empoderamento da comunidade afro gaúcha no contexto religioso e cultural do estado, visto que através do elo com sua imagem, busca-se a legitimação de uma ancestralidade comum. Entretanto, a ausência de fontes sobre sua vida torna-o uma figura mítica diante do imaginário popular. De tal modo que muitos fatos de sua vida são até os dias de hoje incógnitas, gerando dúvidas e especulações.

Fato incontestável sobre sua trajetória é sua data de falecimento: 28 de maio de 1935. Conforme as informações de sua certidão de óbito, sua morte deu-se às quatro horas da tarde em sua residência. Segundo os periódicos da época, Custódio faleceu com a idade avançada de 104 anos. Dentre as informações sobre ele, constavam seu estado civil, solteiro, e a atividade que exercia profissional do turfe. São através dos obituários e notícias de sua morte que se obtém as principais fontes sobre a vida de Custódio, e é essa a importância desses documentos. Os necrólogos e as notícias publicadas nos principais jornais da cidade no período informam que *Osuanlele Okizi Erupe* teria deixado sua terra natal no continente africano e após passar pela Europa e pelo nordeste brasileiro mudou-se para a região sul do Brasil.

No Rio Grande do Sul, Custódio teria habitado a região de Rio Grande e Pelotas, vivendo depois no município de Bagé, onde teria conhecido Júlio de Castilhos. A pedido do político, teria se mudado para a capital gaúcha no ano de 1901, onde adquiriu um casarão na rua Lopo Gonçalves, localizado no bairro Cidade Baixa. Em sua residência Custódio criava cavalos de corrida e praticava os cultos da religiosidade africana, de modo que recebiam na localidade, diversas pessoas das mais distintas camadas sociais de Porto Alegre. Custódio enquanto líder religioso ficou conhecido como Pai Custódio, tornando-se uma figura fundamental para a consolidação dos cultos de matriz africana, religiosidade que na cidade e no estado passou a ser conhecida como “batuque”¹.

Através deste estudo busca-se preencher uma lacuna sobre o papel sócio-histórico que o povo de origem africana teve no desenvolvimento cultural de Porto Alegre. São poucas as pesquisas

¹ Segundo Oro (2002) Batuque é um termo associado aos ritmos produzidos à base da percussão por frequentadores de cultos cujos elementos mitológicos, axiológicos, linguísticos e ritualísticos são de origem africana. No Rio Grande do Sul, passou a ser usado como termo de nomenclatura da religiosidade de matriz africana, que também é conhecida como nação, termo associado aos antigos reinos iorubás. (ORO, 2002, p. 352.).

históricas sobre a participação de lideranças negras na cidade, ainda mais quando a pessoa estudada não foi escravizada. Por isso, investigar a trajetória de figuras como o Príncipe Custódio faz-se necessário. A contribuição deste trabalho de pesquisa demonstra a importância social do estudo realizado, encontra-se no fato de que o objeto de estudo é uma personalidade negra, que através de suas relações sociais e econômicas, mas principalmente, de sua liderança religiosa, tornou-se uma referência para o povo de origem africana, principalmente no âmbito das religiões afro-brasileiras.

O objeto central deste estudo é apresentar o papel que Custódio teve enquanto líder religioso e de que modo sua atuação foi importante para o desenvolvimento do batuque em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. O presente trabalho objetiva abordar a presença de Custódio Joaquim de Almeida, também popularmente conhecido como Príncipe Custódio ou Príncipe de Ajudá, na cidade durante os anos finais da primeira república. A pesquisa também busca tratar sobre as consequências que o projeto de desenvolvimento da cidade e o avanço territorial para as áreas adjacentes ao centro, durante o período, tiveram para a população de origem africana e sua religiosidade. Ao atentar para esse contexto, procura-se compreender como se constituiu as relações sociais e religiosas de Custódio entre os distintos grupos sociais da cidade nesse processo, de modo a torná-lo uma liderança religiosa. Analisa-se, portanto, os motivos pelos quais sua imagem tornou-se um meio de reivindicação da identidade e empoderamento da população afro-brasileira na cidade.

Para a realização deste estudo, a pesquisa centrou-se na análise dos principais periódicos da época, principalmente os que de alguma forma abordaram aspectos da biografia de Custódio Joaquim de Almeida. Entretanto, devido à escassez de fontes, o estudo focou-se nos necrólogos publicados após a morte de Custódio. Faz-se uma análise crítica em relação à abordagem que a imprensa do período empreendia sobre os hábitos socioculturais da população de origem africana, bem como suas práticas ritualísticas religiosas na cidade. Os principais jornais pesquisados foram o *Diário de Notícias*, o *Correio do Povo*, e *A Federação*, encontrando-se nos dois últimos as poucas reportagens feitas sobre Custódio ainda vivo. Além disso, inclui-se na pesquisa reportagens das décadas de 1970 e 1990, “*Um príncipe negro morou na Lopo Gonçalves (I e II)*”² e “*Pai Custódio, um príncipe africano na Cidade Baixa*”³, que abordam a perpetuação e reivindicação da imagem de Custódio por parte da população e dos membros das religiões afro-brasileiras na cidade. Nesses dois textos obtiveram-se os dados necessários sobre a vida de Custódio e sua influência no desenvolvimento do Batuque em Porto Alegre.

2 Folha da Tarde, 08 e 15 de Janeiro 1977.

3 Zero Hora, 15 de julho de 1995; p. 63.

Por ser um estudo histórico que objetiva abordar o desenvolvimento da religiosidade afro-brasileira na cidade, com destaque para o chamado “Batuque”, foram importantes as leituras de obras dos campos da antropologia cultural e social, e da teologia. Com destaque às teses de doutorado em antropologia social de Yvonne Maggie Alves Velho⁴, *Guerra de Orixá*, e Norton Figueiredo Correa⁵, *Os vivos, os mortos e os deuses: um estudo antropológico sobre o Batuque do Rio Grande do Sul*, que posteriormente foram publicadas em livros, bem como a dissertação de mestrado em teologia de Hendrix Alessandro Anzorena Silveira⁶, “Não somos filhos sem pais”: *história e teologia do batuque do Rio Grande do Sul*. Além dos textos citados, estão presentes nesse trabalho as obras de Ari Oro⁷, *Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente* e *As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*⁸.

Sobre a figura de Custódio Joaquim de Almeida foram importantes para a produção deste estudo o trabalho de conclusão no curso de história de Leandro Balejos Pereira⁹, *Custódio Joaquim de Almeida (1831?-1935): um príncipe Africano em Porto alegre que rezava, curava e treinava cavalos* e a dissertação de mestrado em antropologia cultural de Maria Helena Nunes da Silva¹⁰, *O “Príncipe” Custódio e a “Religião” Afro-Gaúcha*.

Para a análise e discussão do projeto de urbanização, expansão e ocupação das áreas marginais ao centro da capital destaca-se a dissertação em História de Alexandre Barcelos Silveira¹¹, *De Colônia Africana a Bairro Rio Branco: desterritorialização e exílio social na terra do latifúndio Porto Alegre, 1920 – 1950*. Além das distintas produções de Sandra Jatahy Pesavento: *Lugares Malditos: a cidade do*

4 VELHO, Yvonne Maggie Alves. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. 2. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores. 1977.

5 CORREA, Norton Figueiredo. *Os vivos, os mortos e os deuses: um estudo antropológico sobre o Batuque do Rio Grande do Sul*. 1988. Dissertação de mestrado em antropologia social apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

6 SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. “Não somos filhos sem pais”: história e teologia do batuque do Rio Grande do Sul. 2014. Dissertação de mestrado em Teologia apresentado na faculdade EST.

7 ORO, Ari Pedro (org). *As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS. 1994.

8 ORO, Ari. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. in: *Estudos afro-asiáticos*. 2002. Ano 24, n. 02.

9 PEREIRA, Leandro Balejos. *Custódio Joaquim de Almeida (1831?-1935): um príncipe Africano em Porto alegre que rezava, curava e treinava cavalos*, 2010. Trabalho de conclusão do curso de História apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

10 SILVA, Maria Helena Nunes dá. *O “Príncipe” Custódio e a “Religião” afro-gaúcha*. 1999. Dissertação mestrado em Antropologia Cultural apresentado na Universidade Federal de Pernambuco.

11 SILVEIRA, Alexandre Barcelos. *De Colônia Africana a Bairro Rio Branco: desterritorialização e exílio social na terra do latifúndio – Porto Alegre, 1920-1950.*, 2015. Dissertação de mestrado em História apresentado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

“outro” no sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX)¹²; *Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre*¹³; *Fronteiras da ordem, limites da desordem: violências e sensibilidades no sul do Brasil, final do século XIX*¹⁴ e *A cidade maldita*¹⁵.

Na primeira parte deste estudo é realizada a abordagem teórico-metodológica, que embasará a pesquisa, apresentando a discussão sobre a importância das diversas áreas de estudos socioculturais e religiosos para a análise biográfica e para a abordagem sobre o desenvolvimento religioso, com ênfase nas áreas da antropologia social e cultural, e teologia. Partiram delas as principais leituras neste âmbito, visto que há uma escassez de fontes primárias sobre a trajetória do sujeito que é objeto do estudo, e as produções que abordam sua biografia não possuem um aprofundamento de detalhes.

Em seguida, no segundo capítulo é feita a discussão sobre a presença de Custódio Joaquim de Almeida no contexto sociocultural de Porto Alegre durante os anos finais da Primeira República, momento em que a capital gaúcha passava por um profundo processo de urbanização e transformação social e cultural. Período em que os governos positivistas republicanos buscavam através da modernização da cidade apagar seu passado colonial e escravocrata, principalmente no centro da capital. Esse é o cenário em que Custódio consolida sua influência através de suas relações, tanto com a elite local quanto com as camadas populares da cidade.

No terceiro capítulo é aprofundado o debate sobre o processo de urbanização por qual Porto Alegre passou durante o período abordado. Aborda-se o processo de marginalização em que a população de origem africana sofreu diante da política de modernização da cidade e as consequências que a formação do chamado “cinturão negro”¹⁶ teve na constituição da identidade sociocultural dessa

12 ESAVENTO, Sandra Jahaty. Lugares Malditos: a cidade do “outro” no sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). In: *Revista Brasileira de História*. v. 19. n. 37. 1999.

13 PESAVENTO, Sandra Jahaty. Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord). *República: República Velha, 1889 – 1930*. Passo Fundo: Méritos, 2003. v. 3 t. 2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

14 PESAVENTO, Sandra Jahaty. Fronteiras da ordem, limites da desordem: violências e sensibilidades no sul do Brasil, final do século XIX. In: PESAVENTO, Sandra Jahaty; GAYOL, Sandra (org). *Sociabilidades, justiça e violências: práticas e representações culturais no ConeSul (séculos XIX e XX)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

15 PESAVENTO, Sandra Jahaty. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz de. PESAVENTO, Sandra Jahaty. (Org). *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2008. (2. ed).

16 Conforme Pesavento a região do chamado cinturão negro era formada pela Colônia Africana (correspondendo mais ou menos ao atual Bairro Rio Branco) e o Areal da Baronesa (zona entre a atual avenida Getúlio Vargas, a avenida Praia de Belas, a avenida Aureliano de Figueiredo Pinto e avenida Ipiranga), regiões formadas no final do século XIX e a região da Ilhota, constituída já no século XX (entre a avenida Getúlio Vargas, a avenida Ipiranga, a rua Arlindo e a avenida Érico Veríssimo). Nelas se concentrava a população negra da cidade, os egressos da escravidão. Eram visualizadas como regiões perigosas, antro de assassinos, a acoitar bandidos e ameaçar o sossego da cidade com as desordens e a bebedeiras de seus moradores. (PESAVENTO, p. 181. 2003).

população. Analisa-se ainda, a importância que esse contexto socioeconômico teve nas relações de Custódio com os diferentes setores sociais e o papel que a religião apresentou nesse processo.

A seguir, no quarto capítulo, aborda-se o destaque sociocultural que Custódio construiu enquanto líder religioso, e a relação que ele desenvolveu enquanto *babalorixá*¹⁷ entre as distintas camadas sociais de Porto Alegre. Discute-se a sua importância no desenvolvimento do batuque, mas também a relevância de sua figura como liderança negra na cidade. Analisa-se de que forma se consolidou sua figura como referência religiosa, e como se configurou a presença batuque como expressão identitária cultural a partir do período estudado.

Por fim é feita a discussão sobre a importância da figura de Custódio em diferentes períodos, desde os a Primeira República até os anos posteriores a sua morte e a contextualização de sua figura na contemporaneidade. Com destaque para sua importância como uma pessoa de origem africana de destaque social e econômico em uma sociedade pós-escravidão, até seu reconhecimento enquanto liderança religiosa, bem como a reivindicação de seu legado pela população de origem africana. Analisa-se, por fim, a abordagem de sua biografia na contemporaneidade.

¹⁷ Conforme Correa, os sacerdotes da religiosidade africanista são tradicionalmente chamados de “pai de santo” ou “babalá” e “mãe de santo” ou “babalôa”, cujas as expressões “babalorixá” e “ialorixá” possuem um uso mais recente, e utilizadas em discursos mais solenes, e serve como uma forma de reafirmação da ancestralidade africana entre os membros da religião. (CORREA, p. 79. 2006).

CAPÍTULO 1: ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

No âmbito dos estudos sobre religiosidades e trajetórias biográficas voltadas para a pesquisa sobre pessoas com grande liderança nas camadas populares, é de grande importância haver uma interação entre a pesquisa histórica com as demais áreas das ciências humanas, entre elas a antropologia, a sociologia e a teologia. Peter Burkner¹⁸ aponta a importância do diálogo entre a pesquisa histórica com as demais ciências sociais, para ele, é desse modo se obtém um olhar plural sobre a diversidade cultural de um povo. O campo da história cultural possui uma natureza interdisciplinar, por isso, ele necessita de um encontro da pesquisa histórica com as contribuições teóricas oriundas de diversas outras áreas do conhecimento sociocultural, ampliando assim o sentido de cultura de um povo.

Essa perspectiva é de grande relevância no presente estudo, visto que ao trabalhar com a religiosidade de matriz africana é necessário levar em conta os resultados que estas áreas produziram. Principalmente se houver foco apenas em documentos oficiais, pois em sua maioria são resultantes de boletins de ocorrência policial e processos crimes. De modo que em tais fontes a população de origem africana encontra-se em posição de marginalização, estando associada a crimes e violência, cabendo ao pesquisador ter um olhar crítico sobre o contexto e as motivações que levaram a produção de tais documentos.

Ao abordar a questão da formação da religiosidade de matriz africana em território brasileiro o historiador deve primar por estudar este processo como resultante do encontro cultural entre as práticas religiosas africanas com a cultura religiosa luso-brasileira, inserido no contexto sócio-histórico da escravatura. Além disso, é necessário considerar o estabelecido no contexto rio-grandense, que por muitas vezes invisibilizou a presença histórica e cultural africana no estado, mesmo que a presença dos africanos tendo sido fundamental para o desenvolvimento econômico e cultural gaúcho.

Nesse cenário, a religiosidade de matriz africana tem mérito, como demonstra Ari Oro¹⁹. Ao abordar o período pós-abolição, a maioria dos personagens estudados são de ex escravizados e seus descendentes, porém, em contraposto social à realidade pós escravatura havia um número pequeno de africanos oriundos de camadas de distinção social em suas terras de origem e que por distintos motivos migraram para o Brasil. Assim, é de grande relevância o reconhecimento da presença histórica de

18 BURKNER, Peter. *O que é história cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores. 2008.

19 ORO, Ari, 2002.

personagens afro-brasileiros que tiveram importantes ações sociais e são desconhecidos. Cujas visibilidade dessa presença demonstra a importância histórica da religiosidade de matriz africana na cultura e sociedade brasileira e rio-grandense, rompendo assim um ciclo de marginalização e perseguição que a cultura e história afro-brasileira tiveram ao longo dos anos em nosso país.

Conforme Alberto da Costa e Silva²⁰, *Osuanlele Okizi Erupe*, seria descendente da família real do antigo território da Costa da Mina. Cujos local de origem de Custódio é um fato discutível sobre sua trajetória, pois como afirma o autor, a região da chamada “Costa da Mina” durante os séculos XVIII e XIX, abrangia desde a Costa do Ouro até o Golfo do Benin, cujos territórios eram povoados por pessoas de vários povos e culturas.

De onde seria ele? Seus contemporâneos gaúchos estavam convencidos de que provinha da Costa da Mina, o que não explica grande coisa, porquanto “Costa da Mina”, no Brasil dos séculos XVIII e XIX, incluía a Costa do Ouro e o golfo do Benim. Um negro da Mina podia ser um fante, gã, axante, gum, fom, evé, mahi, hauçá ou iorubá. Em alguns lugares, como no Rio de Janeiro, qualquer africano que não fosse de Angola, dos Congos, do Gabão ou de Moçambique podia ser chamado mina. (SILVA, 2011, p. 118).

Costa e Silva²¹ afirma que *Osuanlele Okizi Erupe* diante a ofensiva imperialista britânica deixou sua terra natal, e após ter vivido nas cidades de Rio Grande e Bagé, teria chegado a Porto Alegre no ano de 1901. Em terras gaúchas passou a ser chamado de Príncipe Custódio ou Príncipe de Ajudá. Nas cidades por onde passou, Custódio de Almeida teria fundado centros para a prática da religiosidade africana, tornando-se em pouco tempo uma importante liderança da religiosidade afro-brasileira no estado. Devido ao seu papel religioso ele estreitou laços com a comunidade e obteve prestígio entre as diversas camadas sociais da cidade.

Conforme os necrólogos²² e periódicos²³ pesquisados, *Osuanlele Okizi Erupe*, teria deixado sua terra natal em São João de Ajudá e após passar pelo continente europeu e pelo nordeste brasileiro mudou-se para a região sul do Brasil. Em solo brasileiro adotou o nome de Custódio Joaquim de Almeida. No Rio Grande do Sul, Custódio teria vivido na região de Rio Grande e Pelotas, vivendo depois no município de Bagé, onde teria conhecido Júlio de Castilhos, e a pedido do político teria se mudado para a capital gaúcha. Passou a residir em um casarão da Rua Lopo Gonçalves, no nº 98,

20 SILVA, 2011, p. 118.

21 Ibidem, p. 118.

22 Necrólogo in *A Federação*, anno LII, n. 125. p. 2. Quarta-feira, 29 de maio de 1935; Necrólogo in *Correio do Povo*, anno XLI, n. 123. Quarta-feira, 29 de maio de 1935

23 O Príncipe morreu, in *A Federação*, anno LII, n. 126. p. 8. Quinta-feira, 30 de maio de 1935; Morreu o príncipe africano, in *Correio do Povo*, anno XLI, n. 124. Quinta-feira, 30 de maio de 1935; Morreu nesta capital com 104 anos de idade um príncipe africano, in *Diário de Notícias*. Quinta-feira, 30 de maio de 1935.

localizada no bairro Cidade Baixa. Em sua residência Custódio criava cavalos e praticava os cultos da religiosidade africana, de modo que recebia na localidade, diversas pessoas das mais distintas camadas sociais de Porto Alegre.

Entretanto a ausência de reportagens e notícias sobre o Príncipe Custódio anteriores a sua morte, evidenciam a visão que os jornais tinham da presença de personagens negros na sociedade. Por mais que Custódio possuísse uma relação de proximidade com a elite local durante a primeira república, esta se limitava a círculos privados, mesmo quando relacionados a pessoas públicas. Os necrólogos que noticiam a morte de Custódio evidenciam o discurso preconceituoso circunscrito na imprensa e na sociedade porto-alegrense da época. Ao diferenciar “homens de cor” e “pessoas de representação social” a edição do *Correio do Povo*²⁴ do dia 30 de maio de 1935, revela que apesar de Custódio ser aceito no seio social da elite local, ele era visto como uma “figura estranha” e “original”, que manteve seus hábitos de origem e os costumes de sua “seita negra”. Mesmo que Custódio tenha desenvolvido um reconhecimento enquanto líder religioso, o preconceito perante os cultos de origem africana não foram minimizados. Seguiram sendo tratados como atrasados em contraparte a uma Porto Alegre com alto grau de cultura e civilização, como aponta a edição do mesmo dia do periódico *A Federação*²⁵.

A imprensa do período imperial e republicano não dava destaque para a ação de pessoas africanas ou afro-brasileiras nos periódicos, exceto quando estas estavam envolvidas em situações de violência. Ademais, eram poucos os personagens de origem africana que possuíam destaque social nesses períodos, estando sempre associados às camadas populares da sociedade. Entretanto, alguns sujeitos são exceções a esse padrão, obtendo relevância social, seja pelas suas relações com a elite local e política, seja pela sua atuação enquanto líderes dos cultos de origem africana. Custódio é um desses sujeitos, e terá notoriedade pôr ambos os elementos. Porém, diferente de outros personagens, como

24 Jornal Correio do Povo, 30 de maio de 1935, ano XLI, número 124, quinta-feira. *Morreu o Príncipe Africano traços biográficos de uma figura singular*, última página.

25 Jornal A Federação, 30 de maio de 1935, ano LII, número 126, quinta-feira. *O Príncipe Morreu*, coluna, última página.

Príncipe Obá II D'África²⁶, e Juca Rosa²⁷ na Cidade do Rio de Janeiro, que tiveram elementos de suas biografias abordados na imprensa ainda em vida, Príncipe Custódio os teve apenas após sua morte.

Devido à escassez de fontes primárias, a pesquisa realizada foi fundamentada em leituras secundárias que abordaram a importância e a liderança de Custódio Joaquim de Almeida junto à população de origem africana e a relevância de sua pessoa para a fundamentação da religiosidade de matriz africana. A crítica central tem seu foco relacionado aos efeitos que as políticas de reurbanização tiveram para as camadas populares e a função que a religiosidade teve entre a população afro-brasileira na formação social e cultural de Porto Alegre.

Alberto da Costa e Silva²⁸ descreve Custódio como sendo um homem de origem africana, com estatura alta e corpulenta. Segundo o estudioso, Custódio não dominava a língua portuguesa, mas era fluente em inglês e francês. Possuía mais de setenta anos, mas era ativo e sempre andava bem-vestido. Influente entre a elite política da capital se relacionava com os principais políticos do período. Hábil criador de cavalos possuía nos fundos de sua casa um conjunto de cocheiras. A prática da criação e corrida dos equinos o aproximou de membros da burguesia porto-alegrense. Entretanto, o que se destaca em sua biografia é seu papel enquanto babalorixá, cujo sacerdócio e seu trabalho litúrgico o tornaram uma figura de destaque no meio social de Porto Alegre durante a primeira república.

Leandro Balejos Pereira²⁹ analisou a forma com que Custódio Joaquim de Almeida foi reivindicado enquanto figura emblemática da religiosidade afro gaúcha e como se tornou uma figura folclórica e cujas ações foram objetos de contestações ao longo dos anos, autodeclarado como “Príncipe Africano”. O autor conclui que Custódio foi uma personalidade ímpar no meio social e político de Porto Alegre durante a primeira república. Possuidor de uma personalidade imponente e capaz de dialogar entre os diferentes estratos sociais porto-alegrenses, o autor ressalta a habilidade do Príncipe Custódio em compreender os códigos sociais dos distintos meios, seja como interlocutor político, sacerdote, ou turfista.

26 Cândido da Fonseca Galvão, mais conhecido como Príncipe Obá, foi oficial do exército brasileiro na Guerra do Paraguai. No retorno ao Brasil passou a viver na região da Pequena África na cidade do Rio de Janeiro durante o final do período imperial. Intitulava-se como príncipe com título Dom Obá II D'África. Possuía respeitabilidade entre a população de origem africana local, e se fazia assíduo nas atividades do palácio imperial, principalmente das sessões do beija mão feitas pelo imperador Dom Pedro II. (SILVA, 1997).

27 José Sebastião da Rosa, conhecido como Juca Rosa, reconhecido como um dos mais afamados líderes religiosos da cidade do Rio de Janeiro durante o período imperial. Sua prisão em 19 de novembro de 1870 ocasionou uma série de notícias sobre sua vida nos periódicos da cidade no período. (SAMPAIO, 2007).

28 SILVA, Alberto da Costa e.. 2011, p. 119.

29 PEREIRA, Leandro Balejos. *Custódio Joaquim de Almeida (1831?-1935): um príncipe Africano em Porto alegre que rezava, curava e treinava cavalos*, 2010. Trabalho de conclusão do curso de História apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Maria Helena Nunes da Silva³⁰ em seu estudo abordou a estreita relação que Custódio desenvolveu junto a membros da elite política rio-grandense. O Estudo apresenta uma análise dos elementos culturais e políticos do Rio Grande do Sul, descrevendo a vinculação muito próxima entre o meio político gaúcho e as expressões religiosas de origem africana durante o período em que Custódio viveu, bem como os efeitos que essa proximidade teve entre a população de origem africana. A autora fundamentou sua pesquisa em fontes orais, através de entrevistas com pessoas que de algum modo tiveram contato com Custódio, nomes como os de Carlos Augusto Ferrari³¹, Moab Caldas³² e Dionísio Joaquim Almeida³³. O estudo apresenta importantes dados sobre a trajetória de vida do Príncipe Custódio, analisando profundamente a função social que sua liderança religiosa teve no estabelecimento de suas relações, tanto com a elite local quanto com as camadas populares.

Alexandre Barcelos Silveira³⁴ em sua dissertação de mestrado em História abordou o processo de urbanização e de modernização que se esboçava em Porto Alegre entre o final do século XIX e metade do século XX, e conseqüentemente a formação de territórios ocupados pela população de origem africana no período pós-abolição. Locais que devido aos laços de parentesco e socioculturais possibilitaram o fortalecimento das tradições e da religiosidade dessa parcela da população durante o período abordado. A centralidade do estudo deu-se na região da chamada Colônia Africana, mas abrangeu também as áreas da Cidade Baixa e da Ilhota.

Sandra Jatahy Pesavento³⁵ em suas diferentes obras analisa a formação do que a autora define como “Cinturão Negro”. Ela critica o processo de exclusão e marginalização que a população de origem africana sofreu com o projeto de urbanização e industrialização implantado pelos governos positivistas durante a primeira república. Aborda também a segregação que essa parcela da população sofria, estando sempre associada a questões de violência e criminalidade. Entretanto, a autora nos

30 SILVA, Maria Helena Nunes da. *O “Príncipe” Custódio e a “Religião” afro-gaúcha*. 1999. Dissertação mestrado em Antropologia Cultural apresentado na Universidade Federal de Pernambuco.

31 Carlos Augusto Ferrari, delegado aposentado. Praticante da religião umbandista, e admirador da cultura afro-brasileira. Membro de uma família tradicional gaúcha da cidade de Porto Alegre, convivera com Custódio e com seus filhos, Domingos e Dionísio.

32 Moab Caldas, deputado estadual gaúcho entre 1960 e 1968. Foi cassado pelo AI5. Escreveu para periódicos locais por mais de dez anos.

33 Dionísio Joaquim Almeida, filho primogênito de Custódio Joaquim Almeida e Serafina Moraes Almeida.

34 SILVEIRA, Alexandre Barcelos. *De Colônia Africana a Bairro Rio Branco: desterritorialização e exílio social na terra do latifúndio - Porto Alegre, 1920-1950*, 2015. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, , Rio Grande do Sul

35 Sandra Jatahy Pesavento trata desse tema em PESAVENTO, 1999; PESAVENTO, 2003; PESAVENTO, 2008a; PESAVENTO, 2008b.

mostra como esse processo possibilitou o desenvolvimento de uma identificação sociocultural dessas pessoas com esses territórios.

Ari Oro³⁶ divide sua obra em duas partes: na primeira, analisa o período escravagista no Rio Grande do Sul e como se estruturou as três principais religiões afro-brasileiras (Batuque, Umbanda e Linha Cruzada) no estado bem como o papel que o Príncipe Custódio teve nesse processo; na segunda parte o autor aborda os aspectos fundamentais que as religiões de matriz africana possuem na atualidade e a expansão que elas tiveram para as regiões da Argentina e do Uruguai.

Norton Figueiredo Corrêa³⁷ em sua dissertação de Mestrado em antropologia social aborda os principais fundamentos do batuque no Rio Grande do Sul. Dividindo a obra em três partes, na primeira ele aborda os principais elementos da liturgia e das celebrações religiosas de origem africana. Na segunda parte, o autor analisa os cultos aos mortos e aos ancestrais e o modo com que são inseridos no culto do batuque. Por fim, na terceira parte, é abordado a mitologia e os ritos aos orixás.

Hendrix Alessandro A. Silveira³⁸ em sua dissertação de mestrado em teologia aborda a história e a teologia da religiosidade de matriz africana, que no estado do Rio Grande do Sul estruturou-se através do Batuque. Aborda no primeiro capítulo a relação entre história e cultura no contexto gaúcho. No segundo, o autor aborda o processo de escravização e como se deu a reorganização sociocultural da população escravizada no estado. No terceiro capítulo é realizada a crítica em relação à perseguição sistemática que a religiosidade de matriz africana sofre atualmente, e por fim, no último capítulo, o autor analisa com profundidade a teologia africana e seus pressupostos metodológicos, bem como a tentativa de sistematizar a religiosidade batuqueira.

36 ORO, Ari Pedro (org). *As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS. 1994.

37 CORREA, Norton Figueiredo. *Os vivos, os mortos e os deuses: um estudo antropológico sobre o Batuque do Rio Grande do Sul*. 1988. Dissertação em mestrado em antropologia social apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

38

SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. *"Não somos filhos sem pais": história e teologia do batuque do Rio Grande do Sul*. 2014. Dissertação em mestrado em Teologia apresentado na faculdade EST.

CAPÍTULO 2: CUSTÓDIO JOAQUIM DE ALMEIDA, UM PRÍNCIPE NEGRO NA PORTO ALEGRE DO FINAL DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Às quatro horas da tarde do dia 28 de maio de 1935 deu-se o falecimento de Custódio Joaquim de Almeida. Durante os dias seguintes, os periódicos da cidade noticiaram sua morte, realizando sucintas descrições de seu enterro e breves relatos de sua biografia. A importância dessas fontes se dá pelas descrições que fazem de sua pessoa ainda em vida. Dentre as principais informações noticiadas destacam-se a idade avançada em que o príncipe faleceu, as fortes relações sociais que o Príncipe possuía, a vultosa presença de pessoas em seu enterro e o grande envio de flores e coroas para sua residência. As reportagens descrevem que seu velório, a pedido próprio, seguiu os tradicionais ritos da religiosidade africana, enaltecendo a sua relação tanto com os “homens de cor de sua raça”, quanto com as “pessoas de representação social”.

Deu-se ontem nesta capital, o falecimento do Sr. Custódio Joaquim de Almeida, contando com 104 anos de idade. O extinto gozava de grandes relações nesta cidade onde sua morte causou pesar. As cerimônias do seu enterro se realizaram hoje, pela manhã com avultada assistência, sendo grande o número de coroas e ramos de flores enviados à sua residência. (A Federação, ano LII, num. 125, p. 2, quarta-feira, 29 de maio de 1935).

A vantagem do trabalho de pesquisa historiográfica a partir dos necrológios está em apresentar os elementos que revelam a notoriedade do indivíduo cuja biografia está sendo abordada, apresentando uma breve descrição da vida do personagem estudado. Porém deve-se levar em conta que tais fatos são abordados em um momento de comoção, principalmente quando se trata da vida de pessoas com notoriedade popular. O caso da morte de Custódio de Almeida é um exemplo, já que sua inserção social não se resumia apenas aos membros das camadas populares, mas sim se estendia à elite social de Porto Alegre durante a Primeira República. Destaca seu forte prestígio e sua relação de proximidade com dirigentes políticos e governantes do período, tais como Borges de Medeiros, Júlio de Castilhos e Getúlio Vargas. Pesavento³⁹ comenta sobre o perfil dessas figuras:

No sul, uma elite republicana e positiva assume poder dirigente na nova república que se instala. Constituída de jovens cultos, radicais nas suas posições e embalados pelas ideias de progresso e de modernização, (...) São os novos donos do Rio Grande e a partir da capital se dedicam a racionalizar a produção, a disciplinar a sociedade e a criar uma universidade. (PESAVENTO, 2008. p. 08-10)

São nas publicações dos dias posteriores à morte de Custódio que ocorrem uma descrição aprofundada de sua vida, onde são apontadas a importância da figura do falecido junto à comunidade

39 PESAVENTO, S., 2008.

de origem africana, e sua relevância enquanto liderança religiosa. Descreve-se que durante o velório havia a presença de pessoas de todas as camadas sociais, destacando-se a presença de membros da burguesia local, evidenciando que Custódio enquanto líder religioso obtinha reconhecimento entre a elite da cidade.

As informações obtidas através das notícias impressas sobre seu falecimento apresentam suposições da sua trajetória de vida. Apesar de o jornalismo ser uma importante ferramenta de recuperação de informações do passado, o fato de não haver fontes primárias que evidenciem os detalhes biográficos da vida do pesquisado fazem com que tais dados fiquem restritos à memória constituída sobre sua história, limitando-se aos aspectos mais relevantes que cada indivíduo conservava, naquele momento, sobre Custódio, bem como das lembranças resultantes das distintas relações constituídas por ele.

Essas referências evidenciam as especulações que foram construídas sobre a vida do Príncipe Custódio, principalmente no tocante às relações estabelecidas por ele, e seu destaque no seio social do período. Importante mencionar que ele possuía uma condição financeira que lhe equiparava aos membros das altas camadas sociais da época. O fato de ele se autodenominar como “príncipe” africano e ser aceito com esta insígnia pelos distintos estratos sociais já demonstra sua influência e aceitação. No entanto, sobre a abordagem de sua figura enquanto líder religioso, demonstra-se a visão preconceituosa do período, em que é frequente o uso do termo “Seita Negra” para referenciar as práticas religiosas praticadas por Custódio, fato que evidencia o menosprezo quanto à origem africana dos cultos, visto que os mesmos não seguiam o padrão religioso cristão luso-brasileiro.

Conforme Costa e Silva⁴⁰, Custódio Joaquim de Almeida haveria chegado a terras brasileiras em torno de 1864, oriundas de alguma região da África Ocidental. Passou por países da Europa e pode ter vivido em Buenos Aires ou Montevideu, visto à ligação de ambas as cidades com os ingleses. A saída de sua terra natal deu-se por questões de disputas locais, e pela conquista inglesa das terras da região. Em troca de seu exílio, lhe foi fornecido um pagamento mensal por parte do governo inglês. Ainda Conforme o autor, em solo gaúcho Custódio morou primeiro na cidade de Rio Grande, mudando posteriormente para a cidade de Bagé. Na localidade fundou centros de religião africana, tornando-se famoso pelo tratamento dos mais diversos problemas de saúde a partir de ervas. Na cidade, conheceu Júlio de Castilhos, que passou a tratar de uma enfermidade e a pedido do mesmo mudou-se para a capital.

40 SILVA, Alberto da Costa e., 2011 p. 118.

Ainda conforme o autor, em um galpão nos fundos de sua residência, Custódio possuía guardado um landô⁴¹, que mais tarde serviu como garagem para o automóvel que ele adquirira. Além disso, possuía uma segunda casa no litoral gaúcho, localizada no município de Cidreira. Nessa cidade passava parte do veraneio e levava seus cavalos para treinar junto ao mar. Esses fatos demonstram o poder aquisitivo de Custódio, equiparando a sua condição financeira com a da elite local. As informações abordadas por Costa e Silva, são oriundas da pesquisa feita em periódicos, principalmente através dos artigos escritos por Amaro Júnior, e que foram enviadas ao pesquisador por Álvaro da Costa Franco. As referências apresentadas evidenciam aspectos da vida do “príncipe” que permeiam as especulações feitas sobre sua biografia, visto que não há fontes que detalham esses elementos, sendo oriundas muitas vezes da memória individual ou coletiva desenvolvida a respeito dele.

Ao mudar para Porto Alegre, Custódio adquiriu uma casa próxima à região da Ilhota, atual Cidade Baixa. Essa informação é comprovada documentalmente, dentre os registros, sua certidão de óbito. O imóvel onde passou a residir localizava-se em uma região que era um dos redutos de resistência e coletividade da população africana e afro-brasileira na cidade desde o período da escravidão. Conforme Costa Silva⁴² eram realizados em sua residência, principalmente durante as comemorações de seus aniversários, grandiosos banquetes, com festejos que poderiam durar até três dias.

Nessas celebrações havia o consumo de requintadas comidas e de licores e vinhos importados, fazendo-se presentes pessoas de diferentes segmentos sociais, com destaque à presença de políticos locais, entre eles o então governador do estado Borges de Medeiros. Fato que se justificava pelo prestígio que o príncipe possuía entre as camadas populares e que muito interessava aos anseios eleitorais dos políticos da época. Entretanto tal informação é discutível, visto que o sistema eleitoral do período não permitia que analfabetos fossem eleitores. Pelo fato da maioria absoluta da população negra do período ser analfabeta, eram excluídos dos processos de votação, de modo que não possuíam uma importância eleitoral.

Todos os anos, por ocasião de seu aniversário, o Príncipe de Ajudá dava uma festa que durava três dias. Uma festa à africana. O governador do estado, Borges de Medeiros, comparecia sempre às comemorações. Após a Abolição da escravidão e da Proclamação da República, homens como Custódio Joaquim passaram a ter importância eleitoral. E Borges de Medeiros não ignorava que uma palavra favorável do Príncipe de Ajudá podia render-lhe um bom número de votos de brasileiros de ascendência africana. (SILVA, 2011 p. 119.)

41 Landô, também chamado de landau, é uma espécie de carruagem de quatro rodas, cuja capota dupla, em forma de fole, se pode levantar ou baixar, metade para trás e metade para a frente (LANDAU. Dicionário online Michaelis, 15 dez. 2017. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=landau>>. Acesso em 15 dez. 2017

42SILVA, Alberto da Costa e., 2011. p. 119.

Conforme Pereira⁴³, Custódio utilizou-se da prática do turfe para se aproximar da elite porto-alegrense da época, visto a distinção social que essa prática esportiva possuía. A condição de proprietário e treinador de cavalos lhe possibilitou uma posição de prestígio e notoriedade social, cujos ganhos lhe rendiam um importante retorno financeiro e também um relevante capital social. O autor aponta que enquanto o trato e a prática da corrida de cavalos, bem como sua situação financeira, lhe aproximavam da burguesia local, a realização dos ritos africanistas e seu destaque como líder religioso o aproximava das camadas populares, principalmente dos indivíduos de origem africana.

Maria Helena Nunes da Silva⁴⁴ aponta que Custódio em solo gaúcho exerceu duas importantes influências, a primeira em relação à comunidade de origem africana, procurando restabelecer a autoestima e fortalecer suas expressões culturais, especialmente às ligadas a religião. A segunda através das importantes relações constituídas por Custódio com a elite política local, principalmente com membros do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). O preconceito e as perseguições policiais que os cultos africanistas sofriam diminuíram, principalmente quando dirigentes do partido republicano passaram a frequentar a casa de Custódio. A presença dessas figuras tinham por objetivo a realização de trabalho religioso e obtenção de conselhos em distintas áreas. O prestígio de Custódio junto a elite política local lhe propiciava convites para eventos políticos e sociais, visto que diferente de outros indivíduos de origem africana, ele possuía boas condições financeiras e liderança na liturgia dos ritos africanistas.⁴⁵

No terreno de sua residência Custódio realizava seus atendimentos e as cerimônias do culto aos Orixás, fato comum entre os praticantes dos ritos de origem africana. Devido à perseguição que os praticantes sofriam, tais celebrações ocorriam principalmente nos domicílios dos líderes religiosos, e não em lugares públicos. Assim, a moradia tornava-se um local sagrado, destinado não apenas à habitação do babalorixá, mas sim como lugar de guarda e perpetuação do axé⁴⁶, fato comum até os dias atuais. Todos os elementos e construções do terreno onde ocorrem as cerimônias públicas e privadas são partes da sacralização do espaço, com destaque para o recinto onde há a guarda do orixá, o chamado “sento” ou assentamento, espaço onde se considera que o orixá está vivo e que interfere na organização do resto do terreno.

43PEREIRA, 2010, p. 27.

44SILVA, 1999, p. 130.

45Ibdem, p. 74.

46Axé é o nome que se dá a energia sagrada oriunda da força vital do orixá, emanada da natureza e seus elementos, além dos animais imolados e a das comidas ofertadas, que é partilhada entre as pessoas nos rituais, assim como nos trabalhos sagrados.

O assentamento é a representação do orixá ou do vodum, sendo este, em muitos casos, o próprio orixá. Segundo o povo do candomblé, o assentamento é vivo. E, como todo ser vivo, necessita de cuidados especiais, tratamentos diferenciados(...). (LODY, 1997. p. 18).

Em sua residência, o Príncipe Custódio prestava trabalhos de cura com ervas e demais formas de ritos, tratando diferentes enfermidades a partir das celebrações da religiosidade africana tanto para populares quanto para indivíduos da elite local. Como apontado anteriormente, a própria vinda de Custódio para Porto Alegre deu-se a pedido de Júlio de Castilhos, que sofria de um problema de saúde e o príncipe lhe prestava um tratamento espiritual. Além de Castilhos, Custódio possuía relações com outros dirigentes do PRR, entre eles Borges de Medeiros e Getúlio Vargas.

A prestação de serviços religiosos para pessoas das diferentes camadas sociais era costume entre os praticantes do batuque na cidade, porém tais práticas eram mal vistas devido ao preconceito que vigorava no período. As práticas culturais e religiosas de origem africana eram estigmatizadas, o que se refletia também na abordagem da imprensa. Quando ocorria alguma reportagem, cuja presença negra estava em destaque ou que abordava algum aspecto cultural e religioso afro-brasileiro, eram permeadas pelo preconceito racial e pela perseguição religiosa que esta parcela da população sofria. Por mais que o príncipe Custódio possuísse relações com a elite local e forte reconhecimento popular, sua figura não estava imune à visão racista do período.

Pereira⁴⁷ evidencia a abordagem preconceituosa que os periódicos faziam dos elementos culturais de origem africana. Ao descreverem a trajetória de Custódio, ressaltam que o instante que Custódio teve contato com os costumes europeus foi o momento em que “conheceu o progresso” e, com isso, distanciou-se dos costumes de sua terra. A partir de então, segundo essa lógica, aceitou seguir os códigos de conduta socialmente aceitos pelo “mundo civilizado”. Em contrariedade a este tratamento, e, em boa medida, um contrassenso, os mesmos jornais destacavam que durante as festas que Custódio organizava, predominava a ritualística africana com tambores, danças e as deidades dos ritos africanos⁴⁸, fazendo-se presentes membros dos mais diversos setores sociais.

Durante o período do Império e da Primeira República os afro-brasileiros e africanos foram descritos na imprensa de modo negativo e preconceituoso. Mesmo em casos como o do Príncipe Custódio, que tinha relações com a elite social, as notícias impressas eram escritas com expressões ultrajantes, e, na maioria dos casos: a figura apresentada era associada a vícios e à criminalidade. Esse fato era agravado quando as reportagens discorriam sobre a religiosidade de matriz africana, ocasiões

47 PEREIRA, p. 33. 2010.

48 PEREIRA, p. 35. 2010

em que o preconceito acentuava-se. As celebrações africanas eram associadas a feitiçaria e os cultos de sua liturgia menosprezados frente a cultura religiosa cristã, de modo que possuir uma visibilidade e uma liderança religiosa no período não eximia que pessoas negras estivessem imunes ao preconceito social e racial. Personagens como Príncipe Custódio, Príncipe Obá II d'África e Juca Rosa são exemplos disso.

Dom Obá foi um importante personagem da capital imperial durante a segunda metade do reinado de Dom Pedro II. Sua biografia foi trabalhada na obra de Eduardo Silva⁴⁹. Dom Obá era filho de um africano forro, nascido na região de Lençóis, na província da Bahia. Após servir na Guerra do Paraguai mudou-se para a cidade carioca. Na capital imperial passou a morar na região da Pequena África⁵⁰. Se auto intitulava príncipe africano sob o título de *Dom Obá II D'África*, nome pelo qual os membros da comunidade africana o reconheciam, e por seu prestígio, lhe prestavam até reverências. Era pessoa assídua nas cerimônias do paço imperial, principalmente nos ritos do beija mão realizados pelo imperador Dom Pedro II. Seu falecimento foi noticiado no ano de 1890, nas primeiras páginas dos periódicos cariocas, já no período republicano.

José Sebastião da Rosa foi uma importante liderança religiosa do Rio de Janeiro Imperial, cuja biografia foi objeto de estudo de Gabriela Sampaio⁵¹. Juca Rosa, como também era conhecido, teve sua prisão decretada no dia 19 de novembro de 1870, tornando-se um dos assuntos mais comentados nos jornais da cidade. Seu nome tornou-se sinônimo de “feiticeiro negro”, pois os periódicos da cidade, principalmente o *Diário de Notícias*, buscou associar as práticas religiosas de origem africana com charlatanismo, feitiçaria e criminalidade. O jornal apontava que grandes partes dos praticantes dos cultos africanistas na cidade agiam de forma ilegal e eram impunes pelos seus atos.

A perseguição religiosa sofrida pelos sacerdotes dos cultos de origem africana estava inserida no contexto de discriminação acometido contra o povo negro. Contexto em que as práticas religiosas e sociais dessa parcela da população eram fortemente reprimidas pela força policial, opressão que encontrava embasamento no preconceito circunscrito nos periódicos da época.

49 SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

50 Pequena África era a denominação que se dava para a região onde concentravam-se a população de origem africana nas ruas em torno do porto, estendendo-se desde o mal-afamado Volongo, local de desembarque e venda de escravos desde o século XVIII, até Praia Formosa, Saco do Alferes e até a Cidade Nova. Composto as localidades dos distritos de Santana, Cidade Nova, Santo Cristo, Saúde e Gamboa. (SILVA, 1997, p. 81.)

51 SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *A história do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial*. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2000.

Pesavento⁵² aborda um exemplo que evidencia o discurso presente na imprensa do período, ao trabalhar com reportagens do jornal *Gazeta da Tarde*. Analisando o caso de um sujeito afro-brasileiro, conhecido como Tio Pedro, o periódico detalha a fisionomia e o comportamento do sujeito, o retratando com uma “expressão de malvadeza”, e descrevendo-o com comentários como “quem o olha adivinha logo que ali está um mau sujeito” e “esse negro tem muitos crimes em sua consciência”. Associam, assim, a figura do Tio Pedro com crimes e relacionam os cultos afros a práticas fora da lei vigente. Chegam, inclusive, a atribuir a sua pessoa a chefia de uma sociedade secreta e chamando-lhe de “bruxo e negro boçal”.

quem olhasse para o terrível tio Pedro, a quem se atribuía a chefia de uma sociedade secreta, podia ler, em sua fisionomia, a carga de maldade e vício que se abrigava no íntimo. Apesar de trajar adequadamente e de bem falar – o que só acentuava a sua periculosidade e denunciava os negócios escusos em que se envolvia –, o jornal chegava a chamá-lo de bruxo e negro boçal. (PESAVENTO, 2008. p. 21)

A perseguição religiosa que a liturgia de matriz africana sofria durante este período dava-se por que as celebrações afro-brasileiras eram tratadas como caso de polícia. Frequentemente aconteciam ações policiais truculentas nas casas onde os ritos eram praticados. As pessoas que participavam das celebrações eram abordadas violentamente e levadas até os distritos policiais, onde na maioria das vezes ficavam detidas. A norma vigente era associar a figura dos líderes religiosos com crimes e da prática religiosa com violência e perturbação das regras sociais. Exemplos disso são as seguintes manchetes, “*Queimei a minha irmã para matar o demônio*”, do dia 20 de maio de 1936 no *Diário de notícias*; “*Batuque e feitiços*”, do dia 17 de julho de 1935 na *A Federação*, e “*Batida Nojenta*”, do dia 13 de novembro de 1902 no “*O Exemplo*”.

Um acto de violência inqualicável foi o que a polícia administrativa praticou na noite de 5 do corrente, pelas 11 horas da noite invadindo criminosamente o prédio 94 da rua Fernando Machado, onde alguns moradores entregavam-se a ofícios de seu culto, e conduzindo não só a estes como aos demais moradores e visitantes, até o posto policial. (*Batida Nojenta* in: *O Exemplo*, 13 de novembro de 1902).

Assim, as ausências de notícias sobre a vida de Custódio Joaquim de Almeida apontam para o distanciamento que a imprensa buscava fazer da vida do príncipe. Sua ligação com a elite política do Partido Republicano Rio-grandense justificaria tal fato, pois, mesmo que tal associação ocorresse não se tinha o objetivo de torná-la pública. No entanto, os obituários sobre Custódio foram extensos devido a sua notoriedade para além do campo religioso. No jornal oficial do PRR, o conteúdo do necrológio é marcado pelo positivismo que orientava a sua linha editorial. Além de ressaltar o estado fetichista da

52 PESAVENTO, 2008.

“raça negra”, o jornal destacou o altruísmo do “Príncipe” cujos anos foram “inteiramente entregues aos seus irmãos de origem”. O “viver para outrem”, bem ao gosto da filosofia de Auguste Comte e dos correligionários do partido foi o que se apreendeu da vida de Custódio, segundo *A Federação*.

CAPÍTULO 3 – BAIROS NEGROS DE PORTO ALEGRE DURANTE A REPÚBLICA

Desde os anos finais do período imperial, com a abolição da escravatura, até os primeiros anos republicanos, as principais cidades do país sofreram profundas transformações. Devido as intervenções das obras de engenharia e arquitetura, realizadas principalmente durante os governos republicanos, os grandes centros urbanos do país tiveram sua geografia fortemente modificada. Porto Alegre esteve inserido nesse contexto, cujo objetivo era apagar a cidade do período imperial e escravocrata e construir uma cidade moderna. Entretanto, tal processo ocorreu com total exclusão social, no qual a população afro-brasileira oriunda da escravatura foi excluída do centro da cidade e deslocada para as regiões periféricas. Formou-se, assim, conforme Pesavento⁵³ define um “cinturão negro”⁵⁴ ao redor do centro da capital gaúcha.

As áreas circunscritas ao centro da capital gaúcha foram espaços de resistência e sociabilização da população de origem africana na cidade desde a escravatura. Nesses locais, essa parcela da população tinha a possibilidade de realizar suas práticas culturais e religiosas sem a perseguição que sofriam na região central. Desse modo, foram nesses locais que ocorriam os principais ritos e celebrações de sua religiosidade. Frente a investida da política de remodelação da cidade, foram nas regiões periféricas à área central que essas pessoas encontraram possibilidade de moradia e afirmação de uma identidade sociocultural própria.

Em face da política de urbanização e segregação em que a cidade estava submetida, os territórios à margem do centro foram marcados como espaços do desenvolvimento sociocultural afro-brasileiro na cidade. Nesse processo, a religiosidade de matriz africana foi de grande importância, pois concretizava o elo indenitário dessa população. De modo que Custódio, quando se muda para Porto Alegre passa a residir na área da Cidade Baixa, um dos territórios onde a população negra era majoritária desde o final do período escravista até as décadas iniciais da República.

53 PESAVENTO, 2003.

54 Conforme Pesavento, a região do chamado cinturão negro era formada pela Colônia Africana (correspondendo mais ou menos ao atual Bairro Rio Branco) e o Areal da Baronesa (zona entre a atual avenida Getúlio Vargas, a avenida Praia de Belas, a avenida Aureliano de Figueiredo Pinto e avenida Ipiranga), regiões formadas no final do século XIX e a região da Ilhota, constituída já no século XX (entre a avenida Getúlio Vargas, a avenida Ipiranga, a rua Arlindo e a avenida Érico Veríssimo). Nelas se concentrava a população negra da cidade, os egressos da escravidão. Eram visualizadas como regiões perigosas, antro de assassinos, a acoitar bandidos e ameaçar o sossego da cidade com as desordens e a bebedeiras de seus moradores. (PESAVENTO, 2003, p. 181.).

Conforme Bohrer⁵⁵ os territórios negros foram locais de referência para a formação da identidade e resgate da cultura e história da população negra em Porto Alegre. Entretanto, esses espaços tiveram um papel secundário no “discurso oficial”, ao se abordar o desenvolvimento da cidade. Em contrapartida ao apagamento da presença negra, a povoação açoriana e a contribuição dos imigrantes alemães e italianos receberam relevante destaque, invisibilizando, assim, o papel que a população afro-brasileira teve na formação urbana e cultural da cidade.

A formação desses territórios em Porto Alegre, compostos majoritariamente por uma população negra, deu-se em compasso à desagregação da escravatura e o desenvolvimento do mercado de trabalho livre, principalmente com a vinda da mão de obra imigrante. Em consequência, tem-se a busca da inserção da população de origem africana neste mercado, demonstrando que a ação social-econômica da população de origem africana na cidade encontrava-se associada à complexa transformação das relações de trabalho, e conseqüentemente das transformações urbanas ocorridas na cidade durante o período republicano.

A construção desse novo modelo social deu-se inserido no complexo processo de transformação social e cultural que as mudanças nas relações de trabalho acarretaram na sociedade da época. Momento em que ser negro estava limitado a ser parte das camadas populares, sendo apresentado ou como trabalhador popular, (engraxate, vendedor de bilhetes, sapateiro, entre outros), ou estando associado à malandragem e à criminalidade.

Sendo assim, o negro só era personagem principal quando se descreviam fatos poucos agradáveis como o primeiro enforcamento acontecido na capital; quando falava-se em batuque, bruxaria, misticismo ou ainda, em marginalidade, pobreza e violência. (SILVA, 1999, p. 40).

Desde o período abolicionista a população negra de Porto Alegre encontrou nas áreas externas ao centro da cidade o refúgio para sua morada. Destacando que até os anos da década de 1930, o território de Porto Alegre limitava-se as regiões dos atuais bairros Centro Histórico, Independência, Cidade baixa, Farroupilha e Rio Branco. As áreas para além desse limite eram formadas por arreais e chácaras, externas a área urbana da cidade. Assim, foram nas áreas do Areal da Baronesa e Ilhota, correspondente hoje à região do bairro Cidade Baixa, e na região da Colônia Africana, hoje parte do Bairro Rio Branco, que a população de origem africana passou a residir.

Foram nesses locais que se desenvolveram as principais casas de religião africana na cidade, e através delas ocorreu a consolidação identitária dessa parcela da população. Como Maria Helena da

55 BOHRER, 2011, p. 125.

Silva⁵⁶ afirma, através da identificação com as raízes africanas criou-se um elo, e através dele, uma união dessas pessoas à liderança de Custódio Joaquim de Almeida. Ele representava a reconstrução de uma identidade cultural e religiosa própria, e através de sua figura e trabalho religioso, essa identidade estava sendo resgatada na memória coletiva da comunidade.

Assim, a negritude é produzida como componente essencial da identidade do grupo a que pertence. A identidade do negro de Porto Alegre, ao ser reconstituída, interpretada através de Custódio, passa a ser um componente de resistência do negro através da cultura e dos cultos de evocação afro-gaúcho de Custódio Joaquim de Almeida. (da Silva, p. 74. 1999)

Segundo uma planta de Porto Alegre datada de 1906, organizada por A. A Trebbi e apresentada por Bohrer⁵⁷ em seu artigo (Figura 01), é destacado a localização aproximada dos territórios povoados pela população afro-brasileira no período. A região do centro é circundada em verde, estando limitada pelo Guaíba. Essa área era onde estava nucleada a vida econômica, social e política da cidade e onde encontrava-se as moradias da elite local. Diretamente vizinha ao centro estava a Cidade Baixa, situada entre o Riacho, a leste (demarcado em azul) e o Campo da Redenção (grande área ajardinada no núcleo do mapa). Na área a oeste da Cidade Baixa localiza-se o Areal da Baronesa, região limitada a oeste pelo curso do Riacho, (logo após a Cidade Baixa), ao sul pelo Guaíba, ao norte pela avenida 13 de Maio (principal acesso para o arraial do Menino Deus) e ao leste pela rua 28 de Setembro. Ao norte das regiões da Cidade Baixa e do Areal, em uma área circundada por um círculo em vermelho destaca-se a localidade da Ilhota. Logo após o Campo da Redenção encontrava-se a Colônia Africana, região conseguinte ao Bom Fim, entre os morros Independência e do Mont Serrat.

56 SILVA, 1999, p. 74.

57 BOHRER, 2011, p. 127.

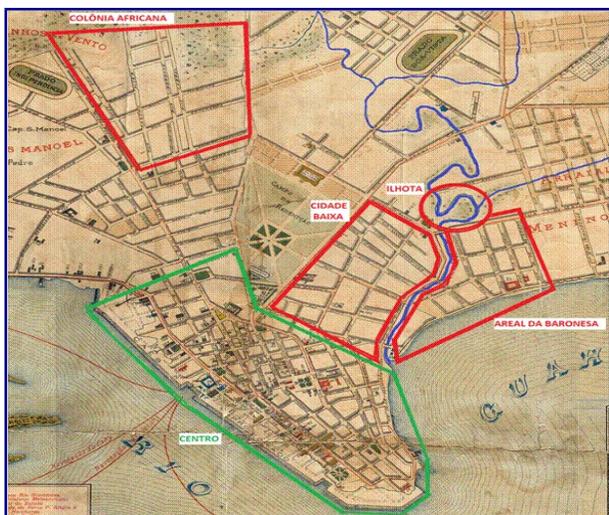


Figura 1: Mapa de localização dos Territórios Negros Urbanos no final do séc. XIX. Fonte: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho [Mapoteca]. Aput BOHRER, Felipe Rodrigues. *Breves considerações sobre os territórios negros urbanos de Porto Alegre na pós-abolição*. In: *Illuminuras*, Porto Alegre, vl 12, n. 29, p. 121-152.

Entretanto, como afirma Bohrer⁵⁸ o desenvolvimento desses territórios em Porto Alegre não significa que tais áreas eram habitadas apenas pela população afro-brasileira, tampouco que essa população não ocupava e interagia com as demais áreas da cidade. Acontecia aí um cenário social de interação e trocas socioculturais, mas também de conflitos, que se acirraram, principalmente na região da Colônia Africana após a chegada de imigrantes europeus na localidade.

A participação da população negra em diversas atividades e instâncias de atuação demarcou sua presença ao longo da formação e do crescimento de Porto Alegre, contrariando a imagem formulada pela intelectualidade local. (BOHRER, 2011, p. 125).

Rosa⁵⁹ menciona em sua obra que durante o século XIX a parte baixa de Porto Alegre era chamada de “cidade baixa”, seguindo a referência de origem portuguesa na diferenciação entre a “parte alta” e a “parte baixa” da cidade. A “cidade alta” referia-se ao núcleo de onde partiu o povoamento da cidade, a região do atual centro histórico; a área definida como parte baixa estava situada entre a várzea do Bom Fim e o Guaíba, estendendo-se até o Arraial Menino Deus. A essa referência somada-se a distinção social entre os moradores da “cidade alta”, região de moradia, ou assim se supunha, dos ricos

58 BOHRER, 2011. p. 132

59 ROSA, 2014. p. 85

da cidade; já a “cidade baixa” era o local das camadas populares, os indivíduos vistos como desclassificados em geral⁶⁰.

A Cidade Baixa era uma região ampla, cujos limites eram bem difíceis de definir com precisão; como se viu, lá estavam disponíveis terrenos e moradias de baixo custo em locais precários. Para gente oriunda das camadas sociais menos privilegiadas, dificilmente a zona deixaria de ser atrativa ou, pelo menos, uma opção possível entre outras ofertas disponíveis. Era esse o motivo pelo qual os pobres em geral e os negros em particular conseguia morar lá. (ROSA, 2014, p. 94).

O Príncipe Custódio, entretanto, ao adquirir um local para residir quando se mudou para Porto Alegre, não o adquiriu na área da “cidade alta”, mas sim comprou um imóvel localizado no núcleo da “cidade baixa”. Era uma região situada a beira do Guaíba, e perpassada pelo Riacho Cascatinha, mais conhecido como “Riachinho”⁶¹, estando sujeita a violentas enchentes, especialmente na rua da Margem, importante via localizada ao longo do córrego. Esse território fazia divisa com outras duas importantes localidades, o Areal da Baronesa e a Ilhota.

A área denominada “Areal da Baronesa”, era formada pelo antigo terreno da chácara da Baronesa do Gravataí. Terreno que no final da década de 1870, devido à morte do Barão do Gravataí e ao incêndio que destruiu o casarão, foi vendido pela baronesa viúva em lotes. Essa região era malvista e associada a violência e criminalidade desde o período escravocrata. Por ser uma área com vegetação alta, que encobria os terrenos, ficou chamado de “emboscada”, servindo não apenas como refúgio para os escravos fugidos, mas também por criminosos que ali se escondiam. Pelo fato de não ter ocorrido nenhuma obra de infraestrutura, principalmente relacionada às enchentes do riacho que perpassava a região, os terrenos baixos no desembarcadouro do córrego eram alagadiços e expostos as frequentes enchentes, fazendo da localidade um reduto de pobreza. Era nesse espaço que a população de origem africana majoritariamente vivia.

Outra área que serviu de reduto para a população afro-brasileira na região foi a Ilhota. A Ilhota estava em um terreno cercado pelo riacho que cortava a região, formando uma verdadeira ilha, fenômeno que se concretizou pela ligação de dois trechos do riacho por um canal em 1905. Conforme Pesavento⁶² aponta, a Ilhota sempre esteve sujeita as frequentes enchentes do riacho, fazendo jus ao

60 ROSA, 2014. p. 105.

61 ROSA, 2014. p. 86.

62 PESAVENTO, 1999. p. 09

nome que recebeu de Arroio Dilúvio, já que a região estava sempre alagada, e desde o início foi refúgio para as camadas pobres da cidade, quase todos formados por pessoas de origem africana⁶³.

Na verdade, a situação de "ilha" se configurava pela estigmatização do espaço. A zona era de fato segregada, "ilhada" do resto da cidade, num deslocamento do sentido da palavra original: além de pedaço de terra isolado pelas águas, era também um espaço de isolamento social e exclusão. (PESAVENTO, 1999. p.10)

Conforme mencionado anteriormente, após a abolição e com a conquista da liberdade, os antigos escravizados encontraram o seu reduto nos territórios que já vinham sendo ocupados pela população oriunda do antigo sistema escravista. Essas áreas, ainda na escravatura, já eram povoadas por comunidades de origem africana, que se estabeleceram nas cercanias da cidade, que na época eram propriedades de personalidades da elite local, tais como a Dona Laura, os Mostardeiros, os Marriantes e a Baronesa do Gravataí⁶⁴.

A região da Colônia Africana localizava-se além da área do campo da Redenção, região que compreende o atual Bairro Rio Branco. O Campo da Redenção, atual Parque Farroupilha, era procurado pela população de origem africana desde o período imperial. Ali os cativos encontravam a liberdade para suas práticas religiosas e culturais. O próprio nome Redenção está associado à luta pela abolição. Durante os primeiros anos do século XX, a população de origem africana foi sendo expulso da região central e empurrado em direção ao então Caminho do Meio. Entretanto com o fim da escravidão e início da imigração da mão de obra de origem europeia, a região passou a também ser buscada pelos imigrantes⁶⁵.

A área da Colônia Africana, assim como as demais áreas associadas à população de origem africana na cidade era fortemente referida pela imprensa como antro de vagabundos, largados ao ócio e ao vício. Conforme Bohrer⁶⁶ aponta, os periódicos primeiro realizavam uma caracterização do local, dando ênfase para o cenário de violência e de perturbação a ordem social. Logo, era realizado um alerta de perigo para as “famílias de bem” e para a cidade; por fim, exigia-se a forte ação policial através da vigia e repressão, e por vezes era solicitada a expulsão de seus habitantes. Elementos que demarcaram a imagem dos territórios ocupados pela comunidade de origem africana, no qual os espaços ligados com a moradia e atuação dessa parcela da sociedade eram associados pela imprensa com a marginalidade e a violência.

63 Ibidem, 1999. p. 09.

64 SILVEIRA, 2015. p. 05/06.

65 SILVEIRA, 2015. p. 01.

66 BOHRER, 2011. p. 130.

Em oposição as áreas do povoamento negro da cidade haviam demais locais, onde ficavam as residências da elite local, principalmente na área central da cidade. Esse fato acarretou em uma divisão geográfica marcada pela forte distinção social em Porto Alegre durante os anos iniciais do período republicano. Essa divisão geográfica evidenciava a segregação social e racial ocorrida na cidade no período após a abolição, momento em que a população de origem africana foi sendo excluída gradativamente da região central e foi povoando as regiões a margem do centro da capital. Esse processo visava aos interesses de implementação de um modelo burguês e de modernização urbana realizado no período⁶⁷.

Conforme Rosa⁶⁸ entre as décadas finais do século XIX e as primeiras do XX, o “centro” da cidade aglomerava entre os sobrados e casarões, que serviam de residência para a elite da cidade, e os cortiços, os porões e casas de cômodo, que serviam de moradia para a classe popular. Esses espaços abrigavam soldados rasos, carregadores, jornaleiros, prostitutas, cativos que viviam por si, libertos e imigrantes que ainda nem falavam português. Cenário em que a simultaneidade entre sujeitos de camadas sociais distintas não era recente e que persistiu por um bom tempo na “cidade alta”.

No final do século XIX, já estava disponível determinada forma de representar a cidade com base em uma divisão classista do espaço urbano, e que não deixava de ser uma projeção das expectativas elitistas de que a cidade assim estivesse dividida. (ROSA, 2014. p. 86).

Nos anos finais do Império, a imprensa local já evidenciava a divisão social que a geografia da cidade possuía, onde a região periférica da cidade deveria ser habitada pelos operários e demais membros das camadas populares, já que na “cidade propriamente dita” só poderia morar quem pudesse “se sujeitar às regras e preceitos da higiene”, como o periódico *A Gazetinha*⁶⁹ aponta. A desigualdade social aprofundada ao longo dos anos oitocentistas acarretou no abandono de antigos casarões pela elite, que foram vendidos ou locados. Esses imóveis passaram a servir de moradias coletivas para a população das camadas populares da cidade, desenvolvendo verdadeiros cortiços no centro da cidade. Assim formaram-se durante o período final do Império, nas vielas do centro histórico, cortiços e botequins, que serviam de moradia e aglomeração para a população das camadas populares da cidade, principalmente para a população de origem africana. Passaram também a ser locais associados à criminalidade e desordem social.

67 Ibidem, 2011. p. 126/ 127.

68 ROSA, 2014. p. 85

69 A GAZETINHA, 03.03.1896, p. 02.

Com a diferenciação social produzida ao longo do século XIX, consolidando-se as elites urbanas e vendo aumentar os números de camadas mais pobres da população, novos fenômenos surgiram na cidade que crescia. O solo urbano valorizou-se, os terrenos se tornaram escassos, os aluguéis se elevaram. Os mais abastados mudaram-se para as ruas onde tivessem, como vizinhos, gente de sua condição, abandonando a desagradável convivência nos becos. (PESAVENTO, 2003, p. 180.).

Durante o período republicano, principalmente nos anos trinta, o centro da cidade passou por uma profunda transformação, com a demolição dos antigos casarões e abertura de novas vias, um símbolo do processo de higienização social vigente no período. A partir dos anos 30, os governos positivistas passaram a realizar uma série de obras na cidade, com o objetivo de urbanização. Conforme Pesavento⁷⁰, demolições e desapropriações de moradias coletivas do centro histórico se sucediam, pois o reordenamento urbano pressupunha verdadeiras intervenções na cidade, cuja abertura de grandes avenidas e construções dos primeiros prédios da cidade, com o surgimento dos primeiros arranha-céus e o calçamento de novas ruas, era o símbolo da transformação que o governo positivista buscava para a capital gaúcha⁷¹.

Em contraste ao processo que o centro da cidade passava, as demais áreas sofriam com a precarização. A falta de investimento em infraestrutura impossibilitava a valorização dos terrenos e moradias ali localizados. Entretanto, foi nessas regiões que a população de origem africana contribuiu para o enriquecimento social e cultural da cidade, através dos cultos e festividades ligados à religiosidade de matriz africana, aos agrupamentos religiosos e participações em atividades desportivas. Essas áreas eram atrativas à população das camadas populares, possuindo terrenos disponíveis e moradias a baixos custos em locais precários. Após a abolição esses territórios tornavam-se atrativos aos libertos, pois era nessa região que se encontravam os principais meios de subsistência e trabalho, além disso, estavam próximos ao centro.

Durante os anos finais da Primeira República, Porto Alegre possuía uma variedade social, econômica, cultural e étnica. Com a política de imigração da mão de obra, realizada desde o segundo reinado e ampliada pelos governos republicanos, a cidade passou a ter uma elite com auto poder aquisitivo e uma classe trabalhadora que só aumentava. Uma cidade que queria ser moderna, mas já demonstrava as desigualdades sociais que acumulavam⁷². Foi nesse contexto com fortes contrastes

70 PESAVENTO, 2008. p. 30.

71 Ibidem, 2008. p. 30.

72 PESAVENTO, 2003. p. 178.

sociais e culturais que o Príncipe Custódio vivenciou e interagiu. Em uma cidade cuja burguesia crescente desfilava pelas ruas do centro vestindo trajes a moda europeia, em contraste com uma camada de trabalhadores, principalmente composta da população de origem africana, cada vez mais excluída.

O Príncipe Custódio foi um sujeito que se destacava. Em um cenário em que restava a população de origem africana trabalhos braçais e a exclusão socioeconômica, Custódio foi uma figura a parte. Foi um representante da população africana, mas que possuía condições financeiras equiparadas a burguesia da cidade. Praticante de hábitos socioculturais realizados pela elite da capital, sem, entretanto abrir mão de costumes culturais e religiosos de origem africana, conforme os obituários de sua morte apontam.

CAPÍTULO 4: PAI CUSTÓDIO E O DESENVOLVIMENTO DO BATUQUE EM PORTO ALEGRE

Durante o período da escravidão no Brasil, foram trazidos africanos de distintos povos e culturas, cuja herança cultural passou pelo processo de sincretismo, principalmente no âmbito religioso. Nesse processo os elementos religiosos originados na África foram mesclados com elementos da religiosidade católica, indígena e posteriormente do espiritismo kardecista⁷³, surgindo, assim, no solo brasileiro, uma religiosidade de matriz africana própria. Abious⁷⁴ aponta que a presença do sincretismo já era um fato presente nas formas religiosas da África, cuja prática de mescla de elementos religiosos pelos povos africanos era resultante de contatos, conflitos, guerras e suas consequências, formando uma mistura cultural e linguística entre as culturas de povos diferentes. Isso se prosseguiu nas Américas.

Assim, as religiões de origem africana ou afro-brasileiras são resultantes de um contínuo processo que abrange tanto a conservação de elementos quanto a transformação da memória coletiva africana no Brasil. Essa dinâmica está marcada pelo contexto da realidade escravocrata, no qual os povos escravizados trouxeram junto à perda de suas liberdades, elementos próprios de sua cultura, que em solo brasileiro foram resinificados e rearticulados de acordo com a nova realidade⁷⁵. Devido a perseguição que a prática religiosa realizada pelos escravos sofria, eles passaram a utilizar imagens de santos católicos em seus ritos, ao mesmo tempo que celebravam os orixás

Assim, a releitura da bibliografia afro-brasileira revela que os primeiros passos dos cultos africanos começaram com o fenômeno de mimetismo, que consistia na ação de venerar exteriormente os santos católicos para cultuar os orixás. A cada santo era atribuído um orixá. Essas correspondências originaram o sincretismo e o nascimento das religiões chamadas afrobrasileiras. (ABIOUS, 2016. p. 97).

Desse modo, as religiões de matriz africana envolvem uma variedade de cultos organizados no Brasil, dividindo-se em três diferentes expressões ritualísticas. Conforme Tadvald⁷⁶ e Oro⁷⁷, a primeira cultura os orixás africanos de origem nagô, que privilegia os elementos mitológicos simbólicos, linguísticos, doutrinários e ritualísticos das tradições banto e nagô. A segunda forma

73 TADVALD, 2016. p. 49

74 ABIOUS, 2016. p. 96.

75 TADVALD, 2016. p. 47.

76 Ibidem, 2016. p. 50

77 ORO, 2002. p. 356

religiosa, cuja origem provável é a cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX, foi inicialmente chamada de Macumba, e posteriormente denominada em outras regiões de Quimbanda, Linha Negra, Umbanda Cruzada e Linha Cruzada. Nessa forma religiosa afro-brasileira há o culto aos Exus e Pombas giras, que são entidades intermediárias entre os orixás e a humanidade. A terceira forma de religião é a Umbanda, surgida no Rio de Janeiro no começo do século XX, chamada em outras localidades de Umbanda Linha Branca, cuja estrutura dos elementos são proveniente das religiosidades católicas, africanas, indígenas, orientais e do espiritismo kardecista. O culto centra-se no trabalho com pretos velhos e caboclos, os primeiros formados por entidades que teriam sido pessoas escravizadas em outras vidas; os segundos seriam entidades indígenas relacionadas às práticas de cura.

Conforme Silveira⁷⁸, o termo Tradição de Matriz Africana tem sido usado para fazer referências às formas religiosas que centram suas celebrações em elementos de origem africana, abrangendo mais do que os aspectos religiosos, mas sim realizando a perpetuação da tradição sociocultural original desses povos. Conforme Oro⁷⁹, a partir do primeiro grupo, cujo culto centraliza-se nos orixás, é que se desenvolvem expressões religiosas regionais entre elas o Candomblé da Bahia, o Xangô do Recife, o Babacuê no Pará, a Casa de Mina do Maranhão e o Batuque no Rio Grande do Sul. Expressões religiosas regionais que possuem na base de suas liturgias os cultos de matriz africana. Essas vertentes possuem variações importantes entre si, visto às diferentes origens linguísticas e culturais, bem como as distinções de elementos socioculturais das regiões brasileiras. Suas liturgias são centradas apenas no culto dos orixás (ou nos voduns, no caso do Tambor de Mina), divindades que representam concomitantemente elementos ou forças da natureza (pedras, chuva, trovão, vento, terra, fogo, ar, água), e atividades humanas elementares (caça, guerra, cura), além de regularem o funcionamento de determinados órgãos do corpo humano e de terem relação com determinados tipos de psicológicos das pessoas.

No Rio Grande do Sul desenvolveu-se o que ficou conhecido como Batuque ou Nação, expressão religiosa que mais se aproxima dos elementos da religiosidade puramente africana, centrando suas celebrações apenas no culto dos orixás. Os estudos e informativos da imprensa evidenciam que as primeiras casas de religião surgiram nas regiões de Rio Grande e Pelotas. Norton Correa⁸⁰ aponta que o surgimento do batuque na região deu-se entre os anos de 1833 e 1859. Tadvald⁸¹ afirma que há duas

78 SILVEIRA, 2014. p. 58.

79 ORO, 1994. p. 47.

80 CORREA, 2006. p. 49.

81 TADVALD, 2016. p. 155.

hipóteses sobre o “mito fundador” do Batuque, uma delas afirma que suas bases foram trazidas para o Rio Grande do Sul por uma escrava oriunda de Pernambuco, e outra que nos conta que o desenvolvimento inicial da religiosidade deu-se pelo conjunto de etnias africanas que foram trazidas para trabalhar nas charqueadas da região, estruturando o Batuque enquanto espaço de resistência social e cultural frente à escravidão.

Em Porto Alegre os periódicos fazem as primeiras notícias sobre o Batuque a partir da segunda metade do século XIX, Conforme Oro, seu surgimento na capital gaúcha ocorreu com a migração de escravos e libertos oriundos do sul do estado. Cujos termos batuque era dado às danças acompanhadas pela batida de tambores, realizado pelos escravizados e pelos libertos, Abious⁸² aponta que progressivamente o termo passou por um processo de mudança de sentido, fazendo hoje referência a diferentes referências religiosas: local e o grupo de encontro, a dança, a festa e a religião.

O Batuque representa a expressão mais africana do complexo afroreligioso gaúcho pois a linguagem litúrgica é yorubana, os símbolos utilizados são os da tradição africana, as entidades veneradas são os orixás e há uma identificação às “nações” africanas. (ORO, 2008. p. 12).

O culto do batuque é centrado na celebração dos doze orixás, sendo eles: Bará, Ogum, Iansã (ou Oiá), Xangô, Oba, Odé/ Otim, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. A cada um deles são atribuídas características específicas, havendo uma correlação com elementos da natureza, símbolos, comidas e animais a serem ofertados através de imolações específicos a cada Orixá. No Batuque há uma divisão em “lados” ou “nações”, estas relacionadas a antigas regiões ou reinos africanos. São historicamente divididas em Oyó, considerada como a mais antiga do estado, mas que na contemporaneidade possui poucos representantes; Jeje, que tem na figura de Custódio seu maior desenvolvedor; Ijexá, Cabinda e Nagô, com predomínio atualmente do grupo Jeje-Ijexá, como destaca Ari Oro⁸³.

Tadvald⁸⁴ aponta que os grupos ou “nações” diferenciam-se a partir dos elementos cosmológicos, litúrgicos e musicais particulares a cada grupo, tal como ritmo do toque do tambor, uso ou não de axés cantados (“pontos” ou rezas em língua ioruba ou em banto”), número e ordem diferenciada na sucessão dos orixás, entre outros aspectos litúrgicos. Importante mencionar que o termo Nação passou a ser utilizado pelos praticantes da religião, visto que a palavra Batuque tomou um

82 ABIOUS, 2016. p. 138

83 ORO, 1994. p. 47

84 TADVALD, 2016. p. 55

significado pejorativo ao longo das últimas décadas, evidenciando o preconceito étnico-racial associado às religiosidades de matriz africana.

Os vivenciadores também chamam de Nação como forma mais respeitosa, pois, geralmente, o termo Batuque é utilizado pejorativamente, com intenções ofensivas. A história do Batuque se imiscui à história do negro no Rio Grande do Sul, que não é muito diferente da do resto do país. (SILVEIRA, 2014, p. 61.).

Norton Correa apontou em suas obras⁸⁵, que o desenvolvimento do Batuque no Rio Grande do Sul deu-se na segunda metade do século XIX, adaptando-se ao caráter agrário e patriarcal do estado. A tradição dos ritos aos orixás formava uma grande família, cuja figura principal era a de uma deidade masculina. Em relação a imolação de animais, não encontrou problemas, visto a forte presença pastoril no estado e em uma Porto Alegre ainda limitada à região central e com grandes áreas rurais.

Tadvald⁸⁶ aponta que a partir dos anos de 1860, a capital gaúcha começou a ter um crescimento maior dos que as cidades como Rio Grande e Pelotas, necessitando de um aumento da mão de obra escrava. Este período que é apontado como o marco do surgimento dos primeiros terreiros da cidade. A Casa de Mãe Rita é identificada como suposta primeira casa de religião na cidade, e também casas de “moças negras” cantadeiras, aonde havia agrupamentos para cantos e danças aos domingos. A hipótese mais aceita para o surgimento do Batuque é que sua origem deu-se entre os anos de 1830 e 1860, a partir das práticas de escravizados de origem banto ou sudanesa, oriundos de Pernambuco, que estabeleceram primeiro nas cidades de Rio Grande e Pelotas uma nova forma de religiosidade e posteriormente levaram-na para outras partes do estado, entre elas, a capital.

É característica do Batuque Gaúcho, além do culto aos orixás, a crença que cada indivíduo seja “filho mítico” de uma das divindades, sendo o orixá o “dono da cabeça”. Quando a pessoa é iniciada na religião (passa a estar “pronta”), a maioria desenvolve a capacidade de passar pelo rito de possessão por essa única entidade, entretanto, desconhece esse fato. É fundamental para a liturgia do Batuque a realização da imolação de animais e a oferta de certas comidas, de modo a alimentar os orixás e fazer a manutenção do axé; os orixás são sentados (fixados) nos *ocutás*, que podem ser pedras, objetos de ferro ou estatuetas de madeira.

As linhas-mestras que caracterizam o Batuque, é a presença de uma forte e efetiva herança tradicional africana, que se mantém apesar da longa convivência com uma sociedade

85 CORREA, 1988; 1994.

86 TADVALD, 2016, p. 54.

ocidentalizada e da repressão aberta e/ou velada de que foi (e de certa forma contínua sendo) vítima, ao longo de sua história, no Rio Grande do Sul. (CORREA, 1988. p. 100/101).

De modo que ser membro do “batuque” ou “nação” forma uma identidade sociocultural específica desse grupo religioso. O tornar-se “batuqueiro” propicia a pessoa passar a ter através da religião um elo histórico e grupal ancestral. Norton Correa⁸⁷ afirma que essa identidade é adquirida ou por herança familiar, em que o indivíduo é inserido no cenário religioso desde a infância, ou então na vida adulta, em que o sujeito adentra na religião por escolha própria. No primeiro cenário, o indivíduo possui uma formação religiosa desde seus primeiros anos, dado o vínculo familiar com a religiosidade de matriz africana; já no segundo contexto, as maiorias das pessoas buscam uma casa de religião com intuito de solucionar algum problema de ordem pessoal, cuja maioria das vezes esteja relacionada a questões de saúde e que não tenha encontrado soluções através da medicina formal.

Custódio representou para a população de origem africana a reconstrução do elo com a ancestralidade africana perdida devido à escravização. Através da liderança religiosa do Príncipe Custódio essas pessoas encontraram os meios para consolidarem sua identidade sociocultural, perpetuando a cultura e religiosidade afro gaúcha. Além disso, a casa de religião era o principal local em que essas pessoas encontravam os meios para solucionarem os mais diversos problemas que possuíam, e a ligação com o príncipe poderia ser a forma de obterem o auxílio necessário frente aos infortúnios que sofriam.

Após a abolição, os ex escravizados e seus descendentes encontravam-se em uma situação de abandono, passando por um forte processo de marginalização social. Ao obterem a liberdade, eles perderam a possibilidade de ganhos de bens, que eram atribuições de seus antigos senhores, como moradia, roupas, alimentação e demais itens relacionados a sua subsistência. Esses indivíduos passaram a se concentrar nas localidades periféricas ao centro da cidade, lugares cuja prática da religião proporcionou a reconfiguração da identidade social e cultural dessa parcela da população da cidade.

Nesta perspectiva, a comunidade religiosa, enquanto um espaço social, é um processo em constante construção, cujo significado vai sendo dinamicamente produzido através das atividades e avaliações desenvolvidas por aqueles que a integram. Parece que o sentido religioso faz com que os homens encontrem um significado para a sua existência, através da inserção na comunidade de base religiosa. (SILVA, 1999. p. 103)

87 CORREA, 1988. p. 38.

Período em que a maioria absoluta das pessoas de origem africana em Porto Alegre era analfabeta e com pouco poder aquisitivo, a oralidade era a principal forma de transmissão de conhecimento e saberes desse grupo social. Assim, a herança dos valores culturais e religiosos era perpassada dos mais antigos para os mais novos, através da tradição oral, onde os antigos saberes eram assegurados pela memória coletiva no interior das famílias, mas principalmente no seio das casas de nação⁸⁸, locais em que o líder religioso era o verdadeiro guardião da história e conhecimento sociocultural e religioso.

Contexto em que Custódio ganhou notoriedade devido a sua liderança frente a religiosidade de matriz africana. Conforme Pereira⁸⁹ os trabalhos religiosos realizados por ele eram requisitados por pessoas de todos os setores sociais, possuindo reconhecimento entre a elite, mas, ao mesmo tempo, estava disponível para ajudar os necessitados, principalmente entre a população de origem africana. O que aponta que Custódio enquanto sacerdote era o guardião dos saberes e das tradições dos cultos africanos, tendo sua palavra respeitada por todos que o procuravam independentemente da camada social a que pertenciam. Sendo referido por muitos como “Pai Custódio”, prestava por vezes alguma forma de auxílio financeiro e acolhimento para os africanos e afrodescendentes que viviam na penúria ou que passavam por alguma dificuldade.

Mesmo que Custódio não tenha trazido as bases e fundado o batuque em solo gaúcho ele foi um personagem vital no desenvolvimento dessa religiosidade na cidade. Maria H. da Silva⁹⁰, através da entrevista com Moab Caldas, evidencia a importância que Custódio teve no cenário religioso afro-brasileiro de Porto Alegre, onde ganhou destaque e respeito entre a população de origem africana. A autora demonstra a dedicação e zelo que Custódio possuía enquanto líder religioso, criando uma aliança tanto entre as camadas populares quanto com a elite local. Como já mencionado, Borges de Medeiros, então governador do Estado, era assíduo frequentador de sua residência. Pereira⁹¹ ainda afirma que a aproximação de Custódio com Borges de Medeiros acarretou em um assentamento de Bará no Palácio Piratini, trabalho esse feito a pedido do próprio governador para obter proteção e abrir os caminhos de seu governo.

88 Casa de Nação, ou Casa de Batuque, é nome dado ao templo em que são realizados os ritos do batuque, por historicamente ser localizados no mesmo lugar do líder religioso o termo “casa” passou a ser utilizado (CORREA, 1994. p. 25). Genericamente o termo terreira ou terreiro passou a ser utilizado, assim como na contemporaneidade tem-se usado o termo ilê para se referir ao local da liturgia de matriz africana. Sendo um espaço de propagação dos valores e saberes africanos, sendo verdadeiras “mini Áfricas” em solo brasileiro (SILVEIRA, 2014. p. 65).

89 PEREIRA, 2010. p. 30.

90 SILVA, 1999. p. 88.

91 Op. cit., 2010. p. 23.

Entretanto, existe uma controvérsia sobre as relações que Custódio criou em solo gaúcho. Alguns afirmam que ele utilizava de seu prestígio social para melhorar a vida da população afro-brasileira local; outros apontam que ele somente auxiliava familiares e próximos. Porém através das entrevistas feitas por Maria H. da Silva, é evidenciado que Custódio sempre esteve solícito para auxiliara necessitados, independente da cor ou classe social.

Por mais que Custódio tenha representado um elo da população de origem africana com as raízes ancestrais é importante salientar que a própria estrutura de ancestralidade religiosa africana ocorreu por meio de um complexo sistema de rivalidades e alianças. Levando a presumir que a presença e atuação social de Custódio foram controversas no cenário cultural e religioso afro gaúcho do período, visto que por ser considerado um nobre de origem Jeje, se presume que não teria uma aceitação fácil entre membros de origem Cabinda ou Banto.

Tureba⁹², em entrevista para Maria H. Silva afirma que o príncipe partiu do continente africano com cerca de quarenta homens e que em Porto Alegre formava o “conselho de chefes”, a modelo dos antigos conselhos tribais dos antigos reinos *yorubás*. Formando um grupo de pessoas que auxiliavam Custódio em suas decisões. Aponta ainda que Custódio não “aprontou”, ou iniciou ninguém no batuque, visto sua suposta linhagem enquanto monarca. Muitos religiosos contemporâneos afirmam que descendem da linhagem religiosa de Custódio, fato que Tureba e Domingos⁹³ negam em suas entrevistas. Controvérsia que Oro destaca, principalmente porque o elo com a figura de Custódio acarreta prestígio dentro do campo religioso e reconhecimento no seio social e cultural do batuque gaúcho.

Por um lado, muitos são os pais e as mães-de-santo de Porto Alegre que se dizem descendentes da linhagem religiosa do Príncipe, defendendo que ele teria contribuído decididamente para a estruturação do batuque na cidade, para o reconhecimento social do mesmo e para diminuir as perseguições policiais; mas, por outro lado, afirma-se também que ele não teria iniciado ninguém, pois sendo nobre não teria “posto sua mão” em nenhum plebeu, e que teria atuado como religioso somente para as elites e as pessoas de sua amizade e família." (ORO, 2002. p. 360).

Conforme Abious⁹⁴, no Batuque o líder religioso, Babalorixá ou Ialorixá representa o centro da religiosidade da Casa de Batuque (Ilê). É ele quem gerencia a transmissão dos conhecimentos, para

92 Dario Paiva, conhecido como Tureba foi babalorixá, e ogã. Descendente de um dos membros do “conselho de chefes” de Custódio. Faleceu em agosto de 1993.

93 Domingos Conceição Joaquim Almeida, primogênito de Custódio Joaquim Almeida e Serafina Moraes Almeida.

94 ABIIOUS, 2016. p. 105.

assim garantir a perpetuação da tradição religiosa, aprovando ou negando, a partir de avaliações morais, a entrada e permanência de pessoas na casa religiosa. Cabe a esse líder escolher pessoalmente as pessoas que poderiam respeitar e seguir os fundamentos da religião. Entretanto mesmo sendo o balizador das relações sociais e religiosas que se formam na casa, é somente através do jogo de búzios que ele determina o pertencimento religioso de uma pessoa. A decisão de se aprontar, ou se iniciar, no batuque nunca é feita pelo indivíduo, mas somente pelo chefe religioso, após a consulta aos búzios.

Tal relação não se dava de modo diferente com Custódio enquanto babalorixá. Conforme as fontes pesquisadas, a escolha das pessoas mais próximas a ele para formarem seu conselho bem como para onde iriam, foi feita ainda em solo africano e posteriormente confirmada no jogo de búzios. Devido a sua linhagem, Custódio nunca aprontou ninguém, cabendo aos seus conselheiros a tarefa de perpetuar sua linhagem religiosa. Conforme Tureba para Maria H.⁹⁵ após a morte do príncipe alguns conselheiros se mudaram para cidades do interior, outros regressaram para o continente africano e alguns permaneceram na capital gaúcha.

Uma reportagem do jornal Correio do Povo do dia 22 de Março de 1933 abordou a ação de Custódio enquanto babalorixá e sua influência no batuque da capital gaúcha. Sob a manchete “*Entre príncipes e mendigos*” é descrita uma visita à residência de Custódio em uma segunda feira. A notícia inicia descrevendo Custódio como “*Um dos mais celebres ‘macumbeiros’ de Porto Alegre, cuja história está cheia de mistérios*”. Abordagem que evidencia certo teor de preconceito ao referir-se ao líder religioso, mas, ao mesmo tempo, o reconhecimento do prestígio que Custódio possuía diante de suas práticas religiosas.

A notícia continua, descrevendo que na chegada à casa de Custódio os repórteres foram abordados por uma “*negra de olhos faiscantes*” para quem relataram a vontade de falar com o Príncipe Custódio, a mesma adentrou na residência e ao retornar lhes disse: “*Ele mandou dizer que não está*”. Ao se mostrarem contrariados e demonstrarem que tinham urgência em falar com Pai Custódio, lhes foram respondidos: “*Não pode ser, ele está de capela. Hoje é segunda-feira*”. Fala que evidenciaria o fato de Custódio estar em recolhimento para algum trabalho religioso, e assim não poderia receber os jornalistas. A reportagem continua descrevendo “*O príncipe que é africano de cento*” e que “*muitos anos é Rei na mandinga*” e os seus “*despachos resolvem os problemas da vida, desde o casamento contrariado até o suicídio por encomenda*”. Finalizam descrevendo o recinto em que Custódio estaria,

95 SILVA, 1999. p. 91

e destacando uma placa de aluguel de cômodos na parte dos fundos do terreno, com a seguinte descrição: “*Apartamento que Pae Custodio aluga aos seus irmãos*”.

Que a Capella é um quarto escuro, onde havia uma vela piscando sobre um altar improvisado e, e sobre o chão, duas galinhas mortas, porongos, latas velhas, cabellos de defunto. Que Pae Custodio, o primeiro em transe e pronunciava a sua organização, consultando os espíritos, e com umas pedrinhas na mão ia cumprindo o seu ritual extranho. (Correio do Povo, 22 de Março de 1933).

Tal descrição revela uma visão preconceituosa e desconhecida sobre as práticas religiosas feitas por Custódio Joaquim de Almeida e demais praticantes do batuque. O recinto que é descrito refere-se ao Peji ou Quarto de Santo, conforme Correa⁹⁶, lugar mais sagrado do templo de batuque, reservado apenas para as práticas religiosas, ficando normalmente voltado para a parte frontal da residência, visto que assim a segurança desta seria reguardada. Nesse espaço são guardados os objetos sagrados relacionados a religiosidade do batuque, principalmente os assentamentos dos orixás, através dos *ocutás*⁹⁷, e as comidas sagradas ofertadas na religião.

No dia posterior Custódio publicou no periódico *A Federação* na seção livre do jornal, através de Antônio Henrique de Casaes, visto que Custódio era analfabeto, uma resposta à reportagem publicada no dia anterior pelo *Correio do Povo*. Com o título *Ao público em geral e aos meus amigos e conhecidos*. Custódio descreve a reportagem do dia anterior apontando os principais elementos abordados pelos repórteres, entre eles os seguintes apontamentos: que Custódio era um dos “*mais célebres ‘macumbeiros’ de Porto Alegre, cuja história está cheia de mistérios*”, além da descrição da capela e por fim o apontamento sobre Custódio, “*O príncipe que é africano de cento*” e à “*muitos anos é Rei na mandinga e os seus ‘despachos’ resolvem os problemas da vida, desde o casamento contrariado até o suicídio por encomenda*”.

Ainda que o texto da reportagem aponte o reconhecimento que Custódio possuía enquanto líder religioso do batuque porto-alegrense, evidenciando que ele poderia resolver problemas de qualquer ordem, desde assuntos relacionados à saúde até questões de relacionamento, é notório o preconceito que a sociedade possuía em relação a religiosidade de origem africana. Em resposta Custódio contradiz as informações sobre as práticas envolvendo a *mandinga* e *despachos*, termos associados ao que era

96 CORREA, 1988. p. 117

97 Os *ocutás* (“*acutás*” ou “*cutás*”), são pedras na maioria das vezes, ou ainda peças de ferro ou estatuetas de madeira, onde os orixás são sentados, ou seja, sua energia (*axé*) é fixada ritualmente neles. Simbolizando a presença divina dos orixás nesses objetos, e assim a perpetuação do *axé*. (CORREA, 1988. p. 118).

chamado de feitiçaria ou magia maligna. Fato que indica o desconhecimento e a visão preconceituosa que se tinha sobre as práticas religiosas de origem africana, principalmente quando comparadas a religiosidade cristã. Além disso, Custódio aponta que sua vida é simples e sem mistérios, não necessitando grande destaque e investigações, sendo um homem que vive para a sua família e aos que lhe procuram. Pelo fato da sua resposta ter sido publicada em uma seção do Jornal *A Federação*, meio oficial de propaganda do Partido Republicano Rio-grandense, é mostrada as influências e as relações estreitas que Custódio possuía com membros e líderes do partido.

(...) Chamo-me Custodio Joaquim de Almeida, sou africano, resido á rua Lopo Gonçalves, nº 98, tenho mais de cem anos, nunca fui, nem sou macumbeiro, rei da mandinga e preparador de 'despachos'. Muito moço, vim para esta generosa terra, onde constitui família, que é hoje bastante numerosa pois vivem comigo filhos solteiros, filhas solteiras e casadas, genros netos e alguns parentes. Minha história não está cheia de 'mysterios', que mereçam 'especial registro'. É simples limpa e transparente, vivo em família, com a família e para a família, sem me intrometer na vida alheia, obscuro, mashonrado, procurando ser útil aos que me procuram e a esta terra que é também minha por ser a dos meus e por nela ter vivido a maior parte da existência. (A Federação, 23 de Março de 1933).

Custódio faz uma exposição sobre a descrição do quarto de santo ou *peji*, que a reportagem do *Correio do Povo* chamou de capela. Expondo que o recinto não seria capela e nem escuro. Nele, não seriam realizados ritos associados ao que era chamado de *feitiçaria ou mandinga*. Para enaltecer sua abordagem ele aponta a presença de imagens de santos da liturgia católica junto à imagens dos ritos afro-brasileiros, símbolo do sincretismo presente entre as práticas religiosas de origem africana e a religiosidade católica.

O pretenso quarto escuro não é nem capella, nem escuro, não tem altar, vela pisca-piscando, galinhas mortas, porongos, latas velhas e cabelos de defunto; não é sombrio e lúgubre; é claro, bem iluminado, alegre, sem altar e tudo quanto a fantasia criou. Fica vizinho a sala em que durmo, nele estão os santos do meu culto: Jesus Crucificado, Coração de Jesus, Coração de Maria, N. S. dos Navegantes. N. S da Conceição, N. S. Aparecida, S. Jorge, Sta. Ifigenia, a Ceia do Senhor, além de alguns santos da gente africana. Nele eu e os meus nos desempenhamos nos deveres religiosos. (A Federação, 23 de Março de 1933)

Custódio aponta que tais descrições feitas pelos jornalistas do *Correio do Povo*, não passam de fantasias criadas, que não possuía dias dedicados as práticas de *mandinga ou feitiçaria*, de modo que os repórteres não adentraram em sua residência e tais descrições feitas sobre sua pessoa seriam resultantes de especulação e imaginação por parte dos mesmos, com intuito de criar uma imagem especulativa de

Custódio a partir das descrições feitas na reportagem, expondo de modo negativo sua pessoa perante o meio social da cidade. O príncipe relata ainda que sua casa estaria aberta a quem quisesse e qualquer dia, não havendo nenhuma resistência a visita da imprensa. Em relação a fotografia com a descrição "*Apartamento que Pae Custodio aluga aos seus irmãos*", é explicado que o aluguel alude a um conjunto de cocheiras para cavalos de corrida, do qual ele sempre possuiu e gostou. Custódio termina seu texto apontando que possuía numerosos amigos, entre eles pessoas de destaque no meio social e político, dos quais não visitariam e seriam visitadas por um *macumbeiro, rei da mandinga, vezeiro em 'despachos' e feitiçarias*, termos utilizados pelo próprio Custódio em sua resposta.

CAPÍTULO 5: A FIGURA DO PRÍNCIPE CUSTÓDIO AO LONGO DO TEMPO

Custódio adentrou no contexto social porto-alegrense em um cenário pós-abolição, pelo fato de não ter sido escravizado, quando migrou para o Brasil chegou à condição de homem livre. No período que se muda para Porto Alegre a escravidão já havia sido abolida, e diante de suas condições financeiras, obteve certo destaque no seio social da cidade, passando a se relacionar com membros da elite política e econômica local. Além de ter sido praticante de corridas de cavalo, onde ficou conhecido por ser exímio treinador e possuidor de belos animais.

Entretanto seu maior prestígio deve-se aos trabalhos feitos enquanto sacerdote do batuque, sendo sua figura associada a diferentes assentamentos em locais distintos da cidade. O assentamento de maior destaque seria o famoso sento do Bará do Mercado, entretanto este fato é discutível. Visto que a construção do Mercado Municipal ocorreu muitos anos antes da vinda de Custódio para o Brasil, ainda na escravatura, e o assentamento do Bará teria sido feito pelos próprios escravizados que construíram o Mercado Público. Além do Bará do mercado, Príncipe Custódio teria feito mais seis assentamentos em diferentes lugares de Porto Alegre, o que totalizariam sete, o número deste orixá. Entre eles, teria um assentamento no Palácio Piratini, sede do governo gaúcho, para a proteção de Borges de Medeiros, com o qual o príncipe Custódio mantinha boas relações⁹⁸.

Não há consenso entre os batuqueiros sobre a localização destes assentamentos. Há suposições de que se conheçam apenas quatro deles. Os assentamentos devem ser protegidos pelo segredo, por isso não foram até hoje todos revelados. Um dos assentamentos pode estar no antigo patíbulo da Rua Praia (atual Rua dos Andradas), onde hoje está o prédio do Terceiro Exército. Outro também estaria perto à Igreja Nossa Senhora das Dores, que fica próxima ao antigo patíbulo. No qual o próprio assentamento desses pontos na cidade geram dúvidas, visto que pela sua origem nobre, Custódio não teria os feito, de modo que tais fatos seriam mais suposições do misticismo criado sobre sua vida do que algo real.

Porém o assentamento do Bará do Mercado tem grande importância no batuque, de modo que até os dias de hoje é costume o rito do passeio. Conforme Correa⁹⁹ o passeio é o rito final de aprontamento¹⁰⁰ na religião, que consiste em uma visita ritualística ao mercado. Para além das compras

98 ORO, 2007.

99 CORREA, 2006. p. 129.

100 Aprontamento refere-se ao termo da celebração de iniciação na religiosidade de origem africana, possuindo uma série de etapas e ritos, compreendendo a consagração do indivíduo no mínimo a seus orixás pessoais, o de cabeça e o do corpo,

necessárias para a realização dos ritos internos, ocorre a passagem pela área central do mercado onde se encontra o assentamento do Bará do Mercado. Nessa área deve-se jogar moedas em honra ao orixá, dirigindo-se depois ao cais onde são jogadas moedas no Guaíba em honra à orixá Oxum, sendo o rito do passeio finalizado por uma visita à Igreja das Dores, no qual na saída da igreja doa-se uma quantia de moedas a um pedinte.

Sobre Custódio, Tureba declara a Maria H. Nunes¹⁰¹, que o príncipe ao chegar à capital gaúcha despertou a atenção das pessoas, tanto entre brancos, quanto entre negros. Assim que souberam quem ele era, as pessoas de procedência africana buscaram uma forma de aliança com ele, visto que possuía uma condição financeira o suficiente para obter um casarão de alvenaria, com um grande terreno e lugar para guardar seus cavalos. Custódio obteve maior prestígio entre essa parcela da população quando realizou sua primeira festa da religião. Tureba ainda afirma que Custódio era muito elegante e educado, e quando saía para seus passeios cumprimentava a todos sem distinção de condição social ou cor. As festas em sua casa eram frequentes, estando sempre presentes políticos, militares e demais membros da elite local.

Conforme a autora¹⁰² a presença de Custódio foi expressiva para a identificação dos africanos e afro-brasileiros em relação as suas raízes africanas, externalidade justamente pelo elo que essas pessoas criaram junto à liderança do príncipe. Tal relação simbolizava a representação e reconstrução do “elo perdido” entre eles e o continente africano, constituindo uma identidade própria e desassociada da escravidão pela comunidade afro-rio-grandense. Identidade essa que passa a ser um componente de resistência através da cultura e cultos feitos por Custódio Joaquim de Almeida.

Os negros gaúchos no princípio do século, viviam sob uma ordem de conhecimento da tradição oral, as informações eram trabalhadas em termos da memória coletiva dos membros dos grupos, famílias, e de casas de religião afro-brasileiras. A base da manutenção e perpetuação da tradição religiosa, residia na disciplina de um corpo de conhecimento que exigiam uma forte ligação a ordem religiosa e à observância da hierarquia como fundamento e garantia da continuidade do éthos da comunidade negra do Rio Grande do Sul. (SILVA, 1999. p. 88.)

Custódio obteve respeito e reconhecimento devido ao seu trabalho religioso, mas também pela sua habilidade enquanto comerciante, conforme Silva¹⁰³ ele teria tido uma banca no mercado municipal

além do Bará, que sempre os acompanha. (CORREA, 2006. p. 95).

101 SILVA, 1999. p. 57/58

102 Ibidem, 1999. p. 58

103 Ibidem,, 1999. p. 154

da cidade, além de possuir e treinar cavalos de corrida. Era constantemente procurado por membros da elite local para a realização de trabalhos religiosos, de modo que foi graças ao seu desempenho enquanto líder religioso que Custódio alicerçou sua notoriedade em Porto Alegre, perpetuando sua imagem aos longos dos anos na cidade.

Moab Caldas para Maria H. Silva¹⁰⁴ aponta que Custódio quando chegou à cidade ganhou respeito pela população local, cuja população de origem africana via nele uma liderança, principalmente pelo fato de ser um forte babalorixá. Para além dos serviços religiosos prestados a elite local, também estava sempre disposto a auxiliar a quem precisasse.

No campo do batuque a imagem de Custódio tornou-se objeto de reivindicação e de legitimação entre os seus praticantes. Entretanto, conforme as entrevistas concedidas à Maria H. Silva o príncipe enquanto babalorixá não iniciou ninguém na religião, isso teria se dado ao fato de ele ser um monarca africano e, por isso, não “colocaria a mão”, ou seja, não teria iniciado ninguém.

No campo religioso ele foi e permanece controverso. Alguns pais e mães de santo se dizem descendentes da linhagem religiosa do “Pai Custódio” e atribuem a ele importância para o reconhecimento social do Batuque no RS. De outra parte, é também mencionado que sua atuação esteve restrita à elite, aos amigos e sua família. (PEREIRA, p. 25. 2010)

Na contemporaneidade a Custódio tornou-se uma imagem lendária no ambiente porto-alegrense. Lembrado e reconhecido pelos membros do batuque gaúcho enquanto liderança fundamental para o desenvolvimento da religião de origem africana em Porto Alegre e no estado. Entretanto, são poucos que conhecem em profundidade a sua história. Em reportagens mais recentes os periódicos abordam mais a peculiaridade de sua figura do que a amplitude de sua biografia. Sob títulos como “*Um príncipe negro morou na Lopo Gonçalves*¹⁰⁵” e “*Pai Custódio, um príncipe africano na Cidade Baixa*¹⁰⁶” é noticiado a particularidade de Custódio enquanto um “príncipe” de origem africana vivendo em uma sociedade branca, possuidor de cavalos de corrida, que ele levava em caravana até o litoral no município de Cidreira, conforme a reportagem do jornal Zero Hora.

Entretanto Custódio é uma figura mítica para o batuque, sendo tido como um dos fundadores dessa prática religiosa, mesmo não tendo a introduzido no contexto sócio religioso da cidade, ele foi

104 Ibidem, Silva 1999. p. 89.

105 Folha da Tarde, 08 de janeiro de 1977; p. 09

106 Zero Hora, 15 de julho de 1995; p. 63

vital para o seu desenvolvimento. Tornou o batuque visível, mesmo que, na contemporaneidade, muitas vezes esteja presente nos bairros mais afastados do centro da cidade. A presença do Pai Custódio no seio da elite branca da cidade deu visibilidade à realidade da população de origem africana da cidade, mesmo que muitas vezes buscou-se consagrar a imagem de uma Porto Alegre branca, negando a Porto Alegre negra e de origem africana que existia e ainda existe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Osuanlele Okizi Erupe, Príncipe de Ajudá, foi um homem africano que diante da ofensiva imperialista saiu de sua terra natal e migrou para o Brasil, adotando o sul brasileiro como lar. Em terras brasileiras adotou o nome de Custódio Joaquim de Almeida, e desenvolveu um importante prestígio e reconhecimento social tanto entre as camadas populares quanto com a elite local. Através de sua liderança enquanto babalorixá teve um reconhecimento no seio social da Porto Alegre do final da primeira república. Entretanto, a trajetória de Custódio possui uma profundidade muito maior.

A Porto Alegre da primeira república passava por um profundo processo de reurbanização e transformação, de modo que a política positivista vigente tinha o intuito de apagar o passado colonial e imperial e sua herança escravagista da cidade. Porém, a visão racista estava no centro do curso das mudanças que a cidade passava. Os antigos cortiços do centro da capital estavam sendo demolidos e novas vias eram abertas, e a população mais pobre que residia na região central era desalojada para áreas periféricas, principalmente nas regiões da Cidade Baixa, Ilhota e da Colônia Africana, área que ficou conhecida como “Cinturão Negro”, conforme Pesavento¹⁰⁷.

A emancipação que o fim da escravização acarretou à população de origem africana não foi acompanhada de políticas de autonomia socioeconômica, de modo que a maioria dessa parcela social manteve-se analfabeta e subordinada a trabalho braçal e de pouco ganho financeiro. Processo sociocultural em que a população de origem africana era sempre vista sob um olhar a relacioná-los a violência e criminalidade. Quando presentes em alguma reportagem dos periódicos do período, por exemplo, eram em grande parte relacionada a cenas de crime e descrita como sujeitos não dedicados ao trabalho, entregues a vícios e práticas de delito, de modo a obterem dinheiro fácil, de vítimas na grande parte das vezes brancas.

Discurso não muito diferente é realizado até os dias de hoje sobre a religiosidade de matriz africana pela imprensa, associando a liturgia e os rituais a termos pejorativos, de modo que seja vista como símbolo de maleficências e a trabalhos que possam resultar em doenças e prejuízos a outras pessoas. Assim, a religiosidade do batuque é vista como uma prática diabólica frente à visão religiosa cristã europeia, e seus praticantes são tidos como ignorantes e entregues a superstições e crendices.

107 PESAVENTO, 2003

Esse foi o contexto sociocultural em que Custódio se inseriu, desenvolvendo uma forte relação tanto com membros da burguesia porto-alegrense, entre eles membros da elite política local, quanto com populares da cidade. Desse modo, era frequente a presença de sujeitos das mais variadas camadas sociais na residência de Custódio, onde buscavam principalmente auxílio através dos trabalhos religiosos feitos por ele, mas também era comum a presença de pessoas que encontravam em sua casa um local de acolhimento e ajudas religiosa e financeira diante das necessidades e vulnerabilidades de suas vidas.

A ausência de fontes, principalmente nos periódicos, sobre detalhes e acontecimentos do cotidiano de Custódio evidencia o apagamento que a imprensa fazia sobre sua vida. Pois, por mais que ele possuísse forte relação com dirigentes políticos, principalmente do PRR, tal relação ocorria nos bastidores da vida política da cidade e do estado. Através do jornal *A Federação* é que se obtém grande parte das informações sobre a biografia de Custódio, tendo sido o espaço usado por ele publicamente como meio de resposta a uma reportagem do jornal *Correio do Povo*, fato descrito no capítulo anterior. O importante disso é a evidência dos laços que Custódio possuía com os membros do PRR, visto que o periódico *A Federação* era o veículo oficial de propaganda do Partido Republicano Rio-grandense. Desse modo, percebe-se que a presença de Custódio nesse seio social sempre foi vista de forma singular, frente aos membros da elite local.

Somente pelo fato de ser um homem de origem africana, com poder aquisitivo e hábitos semelhantes à de muitos membros da burguesia local já seria um apontamento para o destaque que Custódio obteve na Porto Alegre da primeira república. No entanto, foi através da sua condição como líder religioso que ele obteve o empoderamento de sua imagem. Devido aos seus trabalhos religiosos, principalmente relacionados a questões de cura e proteção é que se aprofundou seu prestígio social, enaltecido pelo fato de ser membro de uma linhagem real africana, visto que assim os membros das altas camadas sociais que buscavam seus serviços não iam a qualquer casa de batuque, mas sim iam até a casa do príncipe.

A presença de Custódio enquanto babalorixá foi de grande importância para o desenvolvimento do batuque. Sua figura simbolizou a estruturação da religiosidade de matriz africana. Seu trabalho era feito com seriedade e respeito, visto que não era buscado apenas por pessoas simples, mas também por políticos e demais pessoas de destaque social, estando sua casa sempre aberta para quem ali buscasse ajuda. Nota-se que durante os anos de vida de Custódio na cidade não há grande presença de notícias sobre a questão da religiosidade de matriz africana.

Podendo, durante esse período, ter diminuído a perseguição policial em relação aos cultos afros, pois estes eram tratados na esfera criminal e de perturbação da ordem social. Das poucas reportagens realizadas sobre Custódio, algumas buscaram abordar o papel religioso dele. Mas, em relação à linguagem empregada, evidencia-se o preconceito vigente sobre o batuque e seus praticantes. Uma religiosidade sempre relacionada a misticismo e seitas primitivas, realizadora de despacho e associada a ignorância de sua liturgia quando comparada as práticas religiosas de origem europeia e cristã. De modo que o próprio Custódio, visto como uma figura a parte do seio social, que obtinha respeito e reconhecimento enquanto líder religioso, era sempre abordado como um sujeito fora dos padrões sociais e culturais do período.

Entre a população de origem africana Custódio passou a ser visto como uma importante liderança e referência religiosa, a figura do Pai Custódio tornou-se uma salva guarda da liturgia batuqueira na cidade. Estando sempre disposto a fazer a defesa necessária da religiosidade, e desse modo era reconhecido. Sua residência, além de ser local de sua moradia, também era local da realização de seus ritos, o que justificaria a escolha de uma região afastada do centro, onde ele poderia fazer suas celebrações sem grandes perturbações.

A prática das celebrações religiosas de matriz africana até os dias presentes são uma das grandes formas de resistência sociocultural diante a escravização. Através das rodas de batuque, ao toque dos tambores e ao som dos cantos sagrados, a população de afro-brasileira encontrou um modo de perpetuar sua cultura e seus ritos ancestrais, mesmo que muitas vezes tendo que sincretizar seus ritos e deuses com os santos católicos. Nesse contexto as lideranças religiosas passam a ter grande prestígio, passando a serem chamados de *pai e mãe de santo*, por essa comunidade. Cabia a eles a guarda dos segredos e conhecimentos ancestrais de seu povo, sendo os responsáveis pela manutenção e continuidade do elo entre a população afro-brasileira e sua ancestralidade. Essas figuras tornaram-se grandes lideranças e conselheiros, não somente na esfera espiritual e religiosa mas também em relação a questões do cotidiano, pois dentro da visão litúrgica das religiosidades de matriz africana não há uma separação entre assuntos espirituais e assuntos mundanos.

Pai custódio se tornou uma referência do próprio elo entre essa população com suas raízes ancestrais africanas. Pelo fato de ser visto e reconhecido como um príncipe, herdeiro de uma linhagem tradicional, e não ter sofrido com o processo de escravização legitimava seu empoderamento como liderança religiosa na cidade. Por mais que Custódio não tenha introduzido os ritos religiosos africanos

no estado e na cidade, foi através dele que houve um grande desenvolvimento e consolidação do batuque em Porto Alegre e posteriormente no estado. Os necrólogos e notícias que descreveram seu *arresum*, ou seja, seus ritos funerários e de sepultamento, evidenciam a importância e reconhecimento popular que Custódio possuía entre a comunidade porto-alegrense. Seu enterro seguiu os antigos ritos africanos, sendo seu corpo carregado de sua residência até o cemitério da Santa Casa a pé, acompanhado de uma multidão, pessoas dos mais diversos setores sociais. A procissão foi acompanhada ao toque dos tambores e dos cânticos sagrados de seu povo, que só cessaram com a chegada ao cemitério e diante o término de seu sepultamento.

Custódio tornou-se uma figura mítica para o batuque gaúcho e porto-alegrense, onde se busca através de sua figura a legitimação e o empoderamento dessa religiosidade. Por mais que ele não tenha aprontado ninguém na religião, seu legado foi perpetuado ao longo das gerações, de modo que muitos reivindicam uma herança religiosa relacionada a ele, fato que gera muitas contestações no meio religioso batuqueiro. No entanto, o que é importante é a perpetuação de sua imagem, que permanece viva no interior das casas de nação até os dias de hoje.

Por mais que a maioria da população desconheça a história de sua vida, sua biografia é repassada através da oralidade batuqueira no interior dos ilês. Mesmo que na contemporaneidade saibamos pouco sobre a trajetória de Pai Custódio ou o príncipe de Ajudá, pois há escassas fontes sobre sua vida, destaca-se seu reconhecimento enquanto forte liderança religiosa, que utilizou de seus meios e relações para o empoderamento e desenvolvimento da religiosidade praticada por ele e pelos demais membros da comunidade de origem africana, religiosidade essa conhecida nos dias de hoje como Batuque ou Nação.

ANEXOS

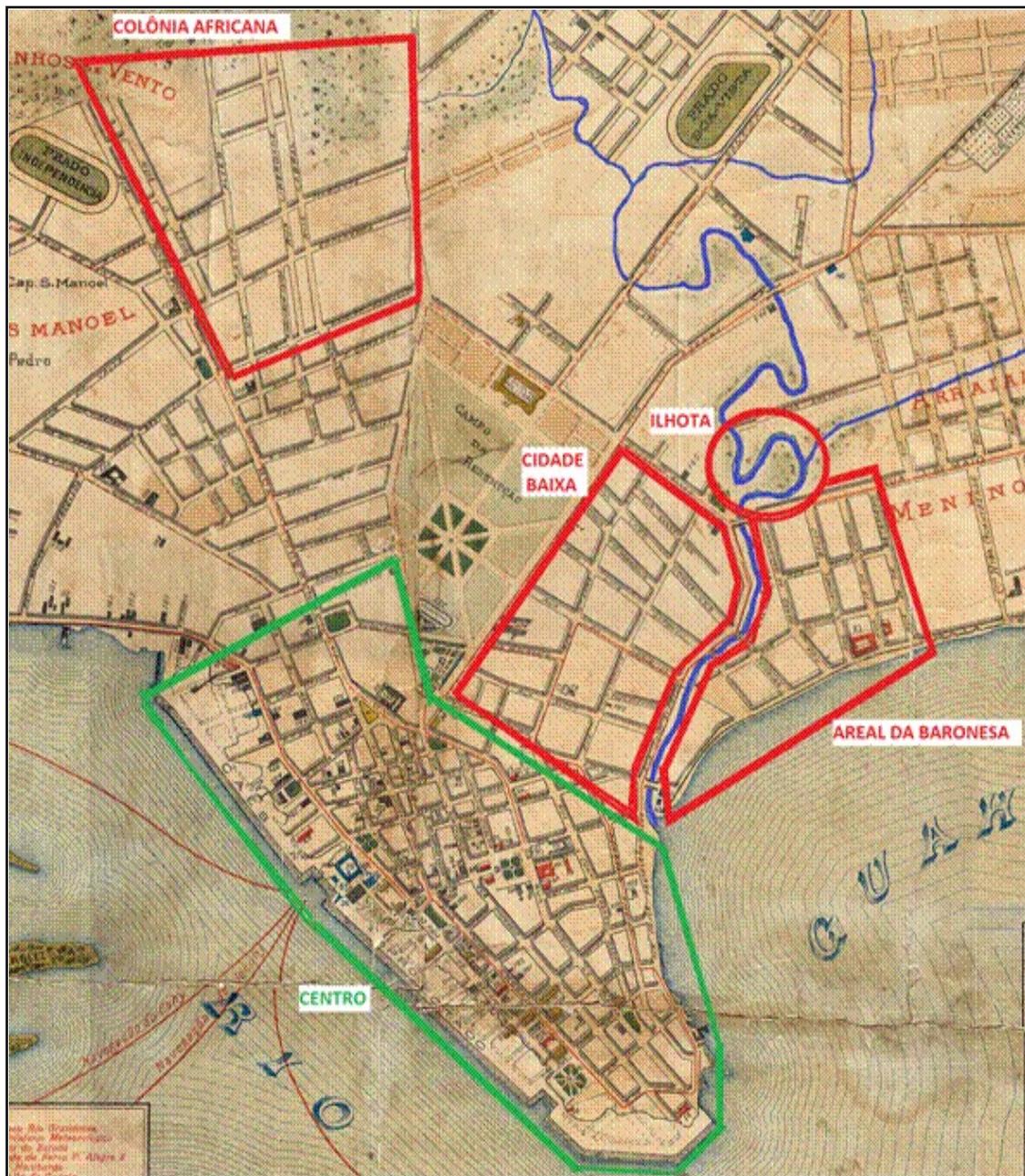


Figura 1: Mapa de localização dos Territórios Negros Urbanos no final do séc. XIX. Fonte: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho [Mapoteca]. Aput BOHRER, Felipe Rodrigues. *Breves considerações sobre os territórios negros urbanos de Porto Alegre na pós-abolição*. In: *Illuminuras*, Porto Alegre, vl 12, n. 29, p. 121-152.



Figura 2 Custódio Joaquim de Almeida, quando jovem em trajes reais. Jornal Zero Hora, 15 de julho de 1995. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

3708

266

República dos Estados Unidos do Brasil

PAGINA N.º 160

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

MUNICIPIO DE Porto Alegre

1.ª DISTRITOS

OBITO N.º 15960

Antonio Rodrigues Pereira official Antônio

Registro Civil de Nascimentos e óbitos desta Cidade

CERTIFICO que a folhas 104 do livro n.º C-20 do registro de ÓBITOS portalegrense
 heje o assento de Custódio Joaquim de Almeida
 falecido em 28 de Maio de 1935
 as 4 horas, em a rua Lopo Gonçalves, 498
 do sexo masculino, de cor preta, profissão entremeur
 natural da África, domiciliado em esta cidade
 e residente no prédio onde faleceu
 com 104 anos de idade, estado civil solteiro
 filho de igualdade
 profissão _____ natural de _____
 e residente em _____
 e de _____
 profissão _____ natural _____
 e residente _____

Foi declarante Arthur Ferreira
 sendo o atestado de óbito firmado por Dr. Juppiter L. Croci
 que deu como causa da morte urêmico
 O sepultamento foi feito no Cemitério da Santa Casa

Observações _____

O referido é verdade e dou fé.
Porto Alegre, 28 de Maio de 1935
Antonio Rodrigues Pereira

Figura 3 Registro Civil de Nascimentos e Óbitos. Talão nº 80, p. 160. Óbito Nº: 15960. fl. 104, livro nº C20. Óbito de Custódio Joaquim de Almeida, falecido em 28 de Maio de 1935.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Poder Judiciário
EDAIR JOSÉ CARNEIRO
OFICIAL DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
DA 4ª ZONA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE
Av. Osvaldo Aranha, 238 - Fone: 24-1875

Ajudantes { Edalme João Carneiro
Sônia Maria Arioli Dapper
Avamiria de Oliveira Moraes

CERTIDÃO DE ÓBITO
N.º 15.960,***

CERTIFICO que é fls. 104,*** do livro C. 20,*** de Registro de Óbito
foi lavrado o assento de CUSTODIO JOAQUIM DE ALMEIDA, ***
falecido em 28 de maio *** de 1935,
às 04:00,*** horas no (na) rua Lopo Gonçalves, número 498, desta cidade, ***
do sexo masculino, ** de cor preta, *** profissão entaineur, ***
natural de (da) Africa, *** domiciliado nesta cidade, ***
e residente no mesmo endereço acima citado, ***
com 104 anos, *** de idade, estado civil SOLTEIRO.- ***

filh o de pais ignorados, ***
profissão *** natural de ***
e residente ***
e de ***
profissão *** natural de ***
e residente ***
Foi declarante Giuliano Tessiner, ***
O atestado de óbito foi firmado pelo doutor Jupiter Croá, ***
que deu como causa morte Uremia, ***

Sepultamento: cemitério da Santa Casa, local, ***
Observações: O finado deixou bens e ignora o declarante a existência de
testamento. O ASSENTAMENTO foi lavrado em 28 de maio de 1935.- ***

SECRETARIA DE REGISTRO CIVIL
PORTO ALEGRE

Figura 4 Certidão de óbito, N° 15 960. Fls. 104, Livro C, 20. Registro de Óbito de Custódio Joaquim de Almeida, falecido em 28 de Maio de 1935.

Ainda o Arrombamento Em Campos

POUQUISSIMO tempo depois de ter sido descoberto o arrombamento em Campos, o autor do assassinio do estabelecimento de comércio do Sr. Alfredo Dias...

Victimas De Couces

DUAS CRIANÇAS FORAM GRAVEMENTE FERIDAS. A 13 horas de tarde, quando se estava fazendo o almoço...

NO QUARTEL DAS BANANEIRAS

INTEIRO dia registrado em Campos, no dia 19 de maio, o estado de guerra. O primeiro ataque foi feito às 10 horas...

Feira De Amostras Do Rio

NO DIA 19 (terça-feira) a Feira Amostras de produtos do Rio Negro, organizada pelo Conselho Administrativo da Prefeitura Municipal...

O Serviço De Defesa Do Patrimônio Histórico e Artístico Do País

NO DIA 19 (terça-feira) o Sr. Art. Henrique Melo Franco de Andrade, chefe do Serviço de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do País...

Demissões Na Prefeitura Carioca

NO DIA 19 (terça-feira) o Sr. Prefeito de Cariacica, Sr. Dr. Antonio Luiz de Aguiar, comunicou a demissão de alguns funcionários...

“Queimei a Minha Irmã Para Matar o Demônio!”

UM DRAMA HORRENDO, TECIDO “A” SOM BRA SINISTRA DAS PRÁTICAS MONSTRUOSAS DO BATUQUE, VINHA SE DESENLOROLANDO HA TEMPOS, EM TAQUARA, LEVANDO A MORTE E O FAVOR A UMA P ATATA ZONA AGRICOLA, DO ESTADO

A historia tragica da mulher Luiza da Rosa, queimada viva, em circunstancias barbaras, pelo proprio irmão, “pai Santo” de uma comunidade de batuqueiros — Afim de esclarecer e a serie de crimes praticados em Santa Cruz z do Pinhal, as autoridades de Taquara solicitaram a presença do sub-chefe de Policia

A parca cidade de Taquara, no Estado de Santa Catarina, tem a honra de ter sido palco de um dos crimes mais horrendos já registrados no Brasil...

As primeiras Conjeturas. As investigações feitas recentemente em Taquara, revelaram que o crime foi cometido por um grupo de batuqueiros...

Exu! Egô! A 10 horas da tarde, quando se estava fazendo o almoço, duas crianças foram gravemente feridas...

Mais Uma Vitima. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...



Antonio Rosa de Freitas e outros, que foram presos em Taquara...

Carreiro. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Looucos. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Um Mistério Profundo. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Vigiados. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Mais Mortos. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Carreiro. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Looucos. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Um Mistério Profundo. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Vigiados. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Mais Mortos. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Morte Horrida. O crime cometido pela Srta. Maria da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Esta foi a reação e mais logo começou a manifestar-se. A Srta. Luiza da Rosa, conhecida como “pai Santo”, foi considerada um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Participação Policial. O crime cometido pelo Sr. Antonio Rosa de Freitas, conhecido como “pai Santo”, foi considerado um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Olga Benario Vai Ser Expulsa Do País



Olga Benario, a misteriosa companheira de Fronte...

NO DIA 19 (terça-feira) a Srta. Olga Benario, conhecida como “pai Santo”, foi considerada um dos mais horrendos já registrados no Brasil...

Logica tortuosa

A minoria parlamentar, arremovendo-se em defesa da democracia brasileira, apresentou um requerimento à Câmara que...

Nesse requerimento, enviado à proposta do fechamento dos núcleos e sedes da A. N. L., a oposição indagou, preliminarmente, se essa organização representa um simples gremio nacional ou se é, de fato, um despocho da Tercera Internacional de Moscou.

Assim, caso se verifique a primeira hipótese, o governo não podia decretar o fechamento da A. N. L., e, fazendo-o, é culpado, segundo caso, atendendo que as campanhas extenuadas somente mediram o notório governo em estado de organismos desequilibrados e economicamente falidos ou à beira da falência.

E uma espécie de "política construtiva" já muito usada pelas oposições do Brasil? E, além disso, apesar de um Paul Moran para observações, porque se não conhecemos a minoria parlamentar brasileira, não iria dizer, sem dúvida, que o cerceamento tortuoso do mundo era o do europeu.

Batuques e feitiços

Da "Diária de Notícias", um brilhante advogado do mesmo tipo publicou uma interessante revista sob o título: — O Depoimento de Inácio.

Em suas considerações de índole social e jurídica, o ilustre advogado põe em evidência os efeitos malficos da batuta cívica popular, chamando a atenção da polícia judiciária para o sério prejuízo, apontando os males que não poderão surgir, tendo para isso apresentado como exemplo o trágico trucidamento da infeliz Letícia, cuja impressão dolorosa se conserva ainda viva no espírito da nossa população.

OS ALIANCIADOS DE SAO PAULO ESTAO CONCITADOS OS OPERARIOS A GREVE

SÃO PAULO, 17 (Udolo) — As sublevarias policiais, depois do fechamento das sedes da Aliança Nacional Libertadora, têm desenvolvido grande atividade, pois reúnem denuncias que obtemos dessa corporação para serem enviadas aos meios operários, visando com isso promover um greve geral.

Aniversário de um grande matutino
SÃO PAULO, 17 (Udolo) — O "Diário Carioca" comprou hoje uma grande quantidade de matutinos, em vista de que, segundo se sabe, o jornal carioca não tem mais condições de ser publicado.

A PASSAGEM DO GENERAL FLORES DA CUNHA POR LIVRAMENTO

LIVRAMENTO, 15 — Estava livremente saído, com a família, a bordo do navio "Vila Rica", o general Flores da Cunha, governador do Rio Grande.

O coronel Cabanas regressará com seus companheiros ao Rio

RIO, 17 (Udolo) — Está sendo esperada hoje nesta capital a chegada do coronel João Cabanas e de outros elementos que faziam parte da caravana da Aliança Nacional Libertadora, se que, em companhia de outros elementos, se dirigiram para o Rio.

O Congresso Pan-Americano de Medicina se deslocará hoje para São Paulo

SÃO PAULO, 17 (Udolo) — São esperado amanhã nesta capital os médicos que tomam parte no Congresso Pan-Americano de Medicina, que se realizará aqui.

Distúrbios na Capital da Irlanda Beterintional

LONDRES, 17 (A. B.) — Na capital da Irlanda setentrional, que depois de mais de um mês de agitação, registaram-se, nos últimos dias, novos distúrbios, provocados entre irlandeses nacionalistas e membros da polícia inglesa.

Imigração

Um dos problemas em constante estado de agitação é o da imigração, a qual necessita de novas leis e reformas para evitar a situação atual.

Não foi decretada a falência da Estrada São Paulo-Rio Grande

RIO, 17 (Udolo) — Foi dormente pelo juiz da sexta vara civil a falência da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, requerida individualmente pelos sr. Malheiros dos Anjos e Armando Cravo.

Aniversário de um grande matutino

SÃO PAULO, 17 (Udolo) — O "Diário Carioca" comprou hoje uma grande quantidade de matutinos, em vista de que, segundo se sabe, o jornal carioca não tem mais condições de ser publicado.

Eleições rápidas

Está em experiência no recinto do Supremo Tribunal Eleitoral a máquina rápida de votação, que promete ser utilizada em eleições municipais.

A Rússia podera prejudicar o Comercio Brasileiro nos Estados Unidos?

Entre Washington e Moscou estão sendo ultimadas as negociações para um acordo comercial entre a Rússia e os Estados Unidos.

Uma Transmissão de Rádio Universal

Berlim, 17 (A. B.) — No Congresso Internacional de Radios, em Viena, foi aprovada a proposta de uma transmissão de rádio universal, que permitirá a comunicação entre todos os pontos da Terra.

Um ator de romances de aventuras roubado

Petersburgo, 17 (A. B.) — O conhecido ator russo-alemão Vladimir Ullmann, autor de romances de aventuras, foi roubado de seu apartamento em Petersburgo.

Curá provavel da nefritis

NOVA YORK (Udolo) — O Dr. Benjamin Johnson, do Hospital de Nova York, descobriu uma nova substância que parece ser eficaz contra a nefritis.

Será organizado no Ceará um novo partido politico

RIO, 17 (Udolo) — Os amigos do doutor Benedito Melo, que foi eleito pelo Lga Eleitoral da Bahia, estão organizando um novo partido político no Ceará.

A DIPLOMACIA FRANCESA PROCURA UMA FORMULA CAPAZ DE EVITAR A GUERRA ITALO-ETIOPE

Um grande plano de organização do ensino

A partir de 1º de Janeiro de 1936

UMA TRANSMISSÃO DE RÁDIO UNIVERSAL

A RÚSSIA PODERÁ PREJUDICAR O COMÉRCIO BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS?

UMA TRANSMISSÃO DE RÁDIO UNIVERSAL

FONTES

A Federação, 23 de Março de 1933;
A Federação, 28 de Maio de 1935;
A Federação, 30 de maio de 1935;
A Federação, 17 de julho de 1935;
A Gazetinha, 03 de Março de 1896;
Correio do Povo, 22 de Março de 1933;
Correio do Povo, 30 de Maio de 1935;
Diário de Notícias, 20 de maio de 1936;
O Exemplo, 13 de novembro de 1902;
Folha da Tarde, 08 e 15 de Janeiro 1977;
Zero Hora, 15 de julho de 1995; p. 63.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIOU, Sena Annick Laetitia. *Religião além da vida: estudo comparativo de práticas religiosas entres Voduns do litoral do Benin, na África subsaariana, e o Batuque do Rio Grande do Sul, no Brasil*. 2016. Tese em doutorado em antropologia social apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BOHRER, Felipe Rodrigues. *Breves considerações sobre os territórios negros urbanos de Porto Alegre na pós-abolição*. In: *Iluminuras*, Porto Alegre, vl 12, n. 29, p. 121-152.
- BURKER, Peter. *O que é história cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores. 2008.
- CAVEDON, Neusa Rolita. "Pode chegar, freguês": a cultura organizacional do mercado público de Porto Alegre. In: *o&s*, 2004. v. 11, n. 29.
- CORREA, Norton Figueiredo. *Os vivos, os mortos e os deuses: um estudo antropológico sobre o Batuque do Rio Grande do Sul*. 1988. Dissertação em mestrado em antropologia social apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CORREA, Norton Figueiredo. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense*. 2. ed. São Luís: Editora Cultura & Arte, 2006.
- DIAS, Glauco Marcelo Aguiar. *Batuques de negros forros em Porto Alegre: um estudo sobre pra'ticas religiosas de origem africana na década de 1850*. 2008. Trabalho de conclusão história apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- DILLMANN, Mauro. (ORG). *Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul: matriz afro-brasileira*. São Paulo: ANPUH, 2016.
- JUNIOR, Robert Daibert; PEREIRA, Edimilson de Almeida (org). *No berço da noite: religião e arte em encenações de subjetividade afrodescendentes*. Juíz de Fora: MAMM. 2012.
- LODY, Raul. *Candomblé: religião e resistência cultural*. São Paulo: Editora ática. 1997.
- LEISTNER, Rodrigo Marques. Religiões de matriz africana do Rio Grande do Sul: entre conflitos, projetos políticos e estratégias de legitimação. In: *Debates do Ner*. Porto Alegre, 2013. Ano 14, n. 23.
- MAUCH, Cláudia. O policial e a cidade um olhar vigilante: Porto Alegre, final do século XIX. In: SOUZA, Célia Ferraz de. PESAVENTO, Sandra Jahaty. (Org). *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. (2. ed).
- MONTEIRO, Charles. Urbanização e modernidade em Porto Alegre. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord). *República: República Velha, 1889 - 1930*. Passo Fundo: Méritos, 2003. v. 3 t. 2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

- ORO, Ari Pedro (org). *As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS. 1994.
- ORO, Ari. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. in: *Estudos afro-asiáticos*. 2002. Ano 24, n. 02.
- ORO, Ari Pedro. *A tradição do Bará do mercado*. Porto Alegre: PMPA/SMC/CMEC. 2007.
- ORO, Pedro Ari. As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do sul. In: *Debates do NER*. Porto Alegre: 2008. Ano. 09. n. 13 . p. 09-23.
- PEREIRA, Leandro Balejos. *Custódio Joaquim de Almeida (1831?-1935): um príncipe Africano em Porto alegre que rezava, curava e treinava cavalos*, 2010. Trabalho de conclusão do curso de História apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PESAVENTO, Sandra Jahaty. Lugares Malditos: a cidade do "outro" no sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). In: *Revista Brasileira de História*. v. 19. n. 37. 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord). *República: República Velha, 1889 - 1930*. Passo Fundo: Méritos, 2003. v. 3 t. 2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ordem, limites da desordem: violências e insensibilidades no sul do Brasil, final do século XIX. In: PESAVENTO, Sandra Jahaty; GAYOL, Sandra (org). *Sociabilidades, justiça e violências: práticas e representações culturais no ConeSul (séculos XIX e XX)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz de. PESAVENTO, Sandra Jahaty. (Org). *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2008. (2. ed).
- ROSA, Marcos Vinicius Freitas . *Além da invisibilidade: História Social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918)*, 2014. Tese de doutorado em História apresentado na Universidade Estadual de Campinas.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *A história do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial*, 2000. Tese de doutorado em História apresentado na Universidade Estadual de Campinas.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Juca Rosa: Um pai-de-santo na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.
- SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

- SILVA, Maria Helena Nunes da. *O "Príncipe" Custódio e a "Religião" afro-gaúcha*. 1999. Dissertação mestrado em Antropologia Cultural apresentado na Universidade Federal de Pernambuco.
- SILVA, Gilberto Ferreira; SANTOS, José Antônio dos.; CARNEIRO, Luiz Carlos Cunha. Org. *RS Negro: cartografia sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- SILVA, Alberto da Costa e. *Um rio Chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2011.
- SILVA, Marina Barobsa. *"Orixás, guardiões da ecologia": um estudo sobre conflito e legitimação das práticas religiosas afro-brasileiras em Porto Alegre*. 2012. Dissertação mestrado em Antropologia Social apresentado na Universidade de São Paulo.
- SILVEIRA, Alexandre Barcelos. *De Colônia Africana a Bairro Rio Branco: desterritorialização e exílio social na terra do latifúndio - Porto Alegre, 1920-1950.*, 2015. Dissertação de mestrado em História apresentado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. *"Não somos filhos sem pais": história e teologia do batuque do Rio Grande do Sul*. 2014. Dissertação em mestrado em Teologia apresentado na faculdade EST.
- SOUZA, Célia Ferraz de. PESAVENTO, Sandra Jahaty. (Org). *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. (2. ed).
- TADVALD, Marcelo. Notas históricas e antropológicas sobre o batuque no Rio Grande do Sul. In: *Estudos e pesquisa em religião*. 2016. v.05.n. 01.
- VELHO, Yvonne Maggie Alves. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. 2. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores. 1977.
- XAVIER, Regina Célia Lima. Raça classe e cor: debates em torno da construção de identidades no Rio Grande do Sul no pós-abolição. In: FORTES, Alexandre. (et al.) (org.) *Cruzando Fronteiras: Novos olhares sobre a história do trabalho*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.